



EXPEDIENTE

SUL

Revista do Circulo de Arte
Moderna

Ano VI — Florianópolis, Agosto
— 1953 — N.º. 2º

CAIXA POSTAL, 384

Florianópolis — Santa Catarina —
Brasil

Diretores:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

Redatores:

Doralécio Soares, Eglê Malheiros,
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,
Humberto Paz, Hugo Mund Jr.,
J. P. Silveira de Sousa, Luis San-
tos, Marcos de Farias, Odílio Ma-
lheiros Jr., Ody Fraga, Osvaldo F.
Melo (filho), Pedro T. Taulois.

Sul acolherá em suas páginas,
com a maior simpatia, toda a co-
laboração enviada, de qualquer
parte do Brasil, especialmente dos
jovens, se reservando porém o di-
reito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e
decorrem, as responsabilidades, de
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido
a esta revista, independentemen-
te de crítica assinada, será regis-
trado.

Desejamos manter contacto e
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-
das diretamente à direção, por va-
le postal ou carta registrada com
valor declarado.

NOSSA CAPA — Tipo popular das feiras da Bahia —
desenho de Alberto Ramagem.

REPRESENTANTES.

No Brasil

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)

Antônio da Silva Filho
R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier
R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa
R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)

Dr. Hamilton V. Ferreira

Salvador (Bahia)

Vasconcelos Maia
R. Democratas, 9

Recife (Pernambuco)

Walmir Maranhão
R. do Peixoto, 368

João Pessoa (Paraíba)

Geraldo Sobral de Lima
Rua Duque de Caxias, 413

Natal — R. G. do Norte
Aluizio Furtado de Mendonça
Av. Rodrigues Alves, 696

Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho
R. Lisandro Nogueira, 1223

No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)
Dr. Manuel Pinto

Nampula — África O. Portuguesa
Augusto dos Santos Abranches

Montevideo (Uruguay)

Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)

Blanca Terra Vieira

U. S. A.

Richard M. Morse

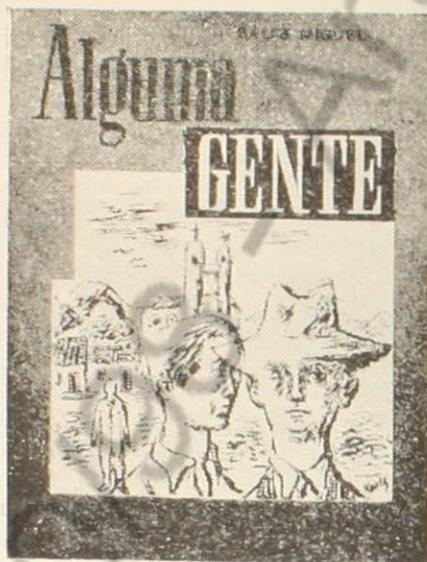
Não somos vaidosos e tão pouco somos modestos. Queremos apenas ser sinceros. Sinceros com os outros e sobretudo conosco. Infelizmente, ser sincero, nos tempos atuais, importa em desagradar mediocridades e desmascarar medalhões; importa em ferir suscetibilidades, — profanar torres de marfim e ofender mentalidades cujo peso morto de sua bagagem cultural atiraram a um canto, nos pórticos do século XX. E... tudo isso constitui a maioria, daí o "infelizmente" no início do período anterior.

Talvês devamos explicar: Ser sincero, conforme pensamos, é ser, antes de tudo humano. Somente o humano procura a perfeição, posto que o divino já reuna em si essa qualidade. Procuramos atingir à perfeição como homens e jamais como deuses.

A maioria não nos compreende porque negamos a crítica que se conjuga com o elogio de encomenda; porque abandonamos as estradas estragadas pelo tempo e tentamos abrir outros caminhos; porque não queremos persistir em erros seculares e porque procuramos corrigir e aprimorar o nosso gosto estético, tão judiado e tão desvirtuado pelo comodismo das coisas estabelecidas; pela rotina cega que faz marcar passo, pisar e repisar o que já foi dito, o que já foi feito e o que já foi ultrapassado. Não é vaidade se dissermos que criamos alguma coisa em Florianópolis, é uma satisfação. Uma grande satisfação. Criamos a REVISTA SUL. A minoria, em Florianópolis, conhece a Revista Sul; não é modéstia, é outra grande satisfação. Estamos sendo sinceros porque estamos dizendo uma verdade, porém a satisfação maior, a satisfação que não é só nossa, mas também do Brasil, é saber que o brasileiro que visita Lisboa, Coimbra, o Porto, Moçambique, Goa na Índia, Macau na China, pode ler, com regosio, a Revista Sul. Que vá a Paris, que visite a biblioteca de Whashington ou de Nova York; que se demore no México, na Guatemala, na Nicarágua e na Colômbia; que procure em Buenos Aires e em Montevideu, encontrará Florianópolis, através das páginas de SUL.

Auxilie o movimento editorial de "SUL"

ADQUIRINDO



Preço: 25,00

Capa de EDGAR KOETZ

Nas Livrarias ou pedidos diretamente à Revista "SUL"

Caixa postal, 384

Florianópolis — SC.

LITERATURA HISPANO-AMERICANA

(Apontamentos para um estudo)

Pouco, ou melhor, quase nada conhecemos da literatura hispano-americana. Eu ia dizer da literatura hispano-americana atual, mas pensei melhor e me resolvi por literatura hispano-americana de uma forma geral: antiga ou moderna. Sim, porque, a não ser uns quantos nomes, talvez meia dúzia, se tanto, que mais poderemos citar a respeito de autores dos países vizinhos? Que obras, que nomes, de que país? Devemos reconhecer o fato com franqueza: é um desinteresse — inexplicável — quase total. Há um desinteresse quase total por um melhor conhecimento mútuo, não só da literatura, mas da vida em geral, dos problemas, etc. E isto é sumamente prejudicial e nocivo.

Mas o problema é mais complexo. Bem mais. Poderia dizer não só de autores hispano-americanos, mas também de outras nacionalidades. Enfim, o que conhecemos nós? é de se perguntar. E a resposta vem melancólica: — 'conhecíamos, no passado, em especial, a literatura francesa; poucos, uns quantos, alguma coisa da alemã, da inglesa, da russa, da italiana, da espanhola... Passamos, há poucos anos, a conhecer — quase sempre a pior, os best-sellers sem valor algum literário — a norte-americana. Só.

Tomemos, como exemplo, o caso de Portugal, que mais ligado se acha ao Brasil. Com uma nova geração corajosa e atuante, com muitos elementos de valor, artística e socialmente falando, muito pouco sabemos deles. Permanecemos ignorando e ignorados. Fica-se, a maioria das vezes, na geração de Eça. Apenas. Ou quando muito. E no entanto, quantos dos novos, são da importância do autor dos "Máias"! Ou mais. Sob certos aspectos. Como contribuição para um melhor conhecimento do homem e seus problemas e necessidades. Porém não é, agora, ocasião de neles falar. Não faltará oportunidade. Guardar-nos-emos para mais tarde. É mesmo nossa intenção, para um futuro próximo, desde que novos dados e mais algumas obras nos cheguem, escrever uma série de artigos a respeito de alguns nomes da moderna literatura portuguesa.

Vamos nos ater, de momento, à literatura hispano-americana. Teceremos rápidas considerações a modo de apontamentos, sobre alguns volumes que, ultimamente, nos vieram ter às mãos.

São livros de autores argentinos, uruguaios, chilenos, peruanos, etc. E que significaram para nós uma muito agradável surpresa. São ainda poucos, não nos é possível dar, de autor algum, uma visão geral, uma idéia mais ampla e precisa, ainda que relativa. Pois a nosso ver, para se falar de um autor, não basta lhe conhecer uma obra. É preciso, é necessário, é fundamental conhecer-lhe "a" obra. É preciso acompanhar-lhe a evolução literária e temática, a linha por ele seguida, o desenvolvimento de seu pensamento no decorrer das obras, o retrocesso ou avanço no estudar e desenrolar os problemas; até mesmo a vida. De qualquer forma, apenas no desejo de abrir perspectivas e iniciar uma divulgação, propiciando, quem sabe um aumento de interesse para com uma literatura que vem apresentando obras de valor e uma grande contribuição para um melhor entendimento e conhecimento do homem e dos problemas americanos, de qualquer forma, dizíamos, é este o motivo primordial pelo qual nos aventuramos a semelhante tentativa.

'El río oscuro', de Alfredo Varela; 'Los aventados', de Juan José Manauta; 'Fronteras al viento', de Alfredo D. Gravina; 'Huaspungo', de Jorge Icaza; 'O cavalo e a sombra dele', de Enrique Amorim; 'Grande e estranho é o mundo', de Ciro Alegria; 'Doña Barbara' de Romulo Gallegos; 'La sangre y la esperanza' de Nicomedes Guzman, são livros que lemos nestes últimos tempos. Deles quatro foram traduzidos. Mas ao que nos consta pouco ou nenhum sucesso alcançaram, nenhuma repercussão tiveram, nem entre o grande público nem entre os intelectuais.

Enquanto isto, obras sem significado algum, "best-sellers" americanos que,

seja sob que aspecto for, nada possuem de importantes, montões de "... E o vento levou", abarrotam nossas livrarias, são traduzidos, louvados, divulgados, vendidos, numa campanha pela penetração da má literatura só comparada a dos "gbis".

Já dissemos não ser nosso propósito fazer críticas às obras que citamos; mas, tão somente, chamar para elas a atenção dos leitores interessados num melhor contacto e divulgação das boas coisas. Também não nos parece justo que, por mais tempo, continuemos nos ignorando, nada sabendo a respeito uns dos outros. Faça-se um inquérito entre nós, já não dizemos no seio dos leitores comuns, porém mesmo entre os intelectuais e vejamos quantos estão a par de que existe uma literatura hispano americana vigorosa, atuante, viva, preocupada com os problemas do homem, profundamente positiva e entranhada no que de melhor existe. O mesmo no que se refere à literatura do Brasil. Quantos conhecerão um Graciliano Ramos, um Marques Rebelo, um Jos éLins do Rego e outros mais? Apenas, talvez, tanto por motivo da sua longa estada em países da língua espanhola, como da enorme tradução e divulgação de seus livros, apenas, talvez, Jorge Amado seja mais conhecido.

Dentre as obras que até agora nos chegaram é de justiça destacar o livro do escritor argentino Alfredo Varela, "El río oscuro". É um livro vigoroso, possante, humano, acusatório. Trata-se de obra de fundamental importância não somente na literatura argentina, mas, a nosso ver, na novelística americana. Uma novela que, quer pelo seu valor literário, pelo seu acabamento artístico, pela sua realização, quer pelo seu valor humano e social, pelo tema que aborda e pela maneira como o aborda, se coloca num nível extremamente alto e quicá isolado. O problema apresentado, a realização, a maneira de encarar os fatos, a conjugação de conteúdo e continente, isto é, perfeição de forma e importância de assunto, tudo se une de maneira harmoniosa, tudo se entrelaça para nos dar uma obra de extraordinário valor, com uma força, um impacto impressionante. A precisão dos tipos, a verdade das situações, a análise daquelas vidas, a técnica empregada, o estilo, o aproveitamento até o máximo do valor das palavras para significar exatamente aquilo que ali está, tudo nos atrai profundamente e nos emociona, nos arroja naquele turbilhão. A propósito diz Jorge Amado "... Ante todo, vale la pena decir que es una novela densa y vigorosa, atravesada por un soplo de intensa poesía, que trata el drama angustiado de la vida cruel y desgraciada de los "mensú". Nove la cuya técnica es de las más curiosas — pues introduce innovaciones aun en relación con la novelística hispano-americana — conserva un vigor de floresta virgem que muestra de inmediato, en el novelista debutante, la capacidad de fijar el ambiente donde se mueven sus personajes en lucha contra la naturaleza y el hombre, ambos enemigos." Mas não estamos aqui para analisar ou criticar obras, apenas para citá-las, indicá-las. Talvez no futuro, com mais tempo, com mais dados e com a calma que a obra merece, voltaremos a tratar de "El río oscuro".

Também de importância é "Los aventados", de Juan Manaúta, embora nos pareça que o autor não aproveitou tudo quanto o tema lhe oferecia, nem tão pouco conseguiu realizar uma obra madura. A realização é titubeante e em muitos trechos não convence, os tipos se perdem, a trama decal e não fica bem claro o pensamento do autor.

O mesmo no que se refere a "La sangre y la esperanza", de Nicomedes Guzman, um autor chileno. Alfás sob certos aspectos, não de encarar o problema nem dos tipos, mas do problema em si, este livro se assemelha ao anterior. Nota-se aqui a mesma indecisão. E se bem levemos em conta a dificuldade das obras onde tudo é visto através de crianças, ainda mais quando contado na primeira pessoa, não podemos perdoar que o autor tenha desperdiçado uma tão boa oportunidade de nos dar uma obra plena de vigor e humanidade. Ainda assim, em certas passagens, como na greve, na morte do operário, consegue se elevar a um bom nível.

Mais importante, mais bem realizado, nos parece "Fronteras al viento", de

Alfredo D. Gravina. Lidando com um tema difícil, a tomada de consciência dos tropelios, dos tosquiladores, movimentando uma humanidade complexa no seu primitivismo, sempre num estilo seguro, o autor consegue construir uma história sólida, objetiva, convincente e humana, debatendo, analisando, mostrando um problema social. Tudo num estilo sóbrio e preciso, de onde os personagens saem humanos. Para ficar.

Dos outros quatro livros existem traduções, sendo que "Grande e estranho é o mundo", de Ciro Alegria, tirou o primeiro premio no concurso latino americano de romances. Descreve com precisão a vida dos índios, seus problemas e costumes, numa linguagem exata, num estilo meio floreado e onde nos parece não aprofundar bem o problema, ficando mais na casca e tendendo, às vezes, embora raro, para o exótico. "Doña Barbara", de Romulo Gallegos é talvez o mais conhecido dos romances citados. Deve-se isto, em especial, ao filme, filme este que não era nem muito fiel à obra nem ao problema nela debatido. Ainda assim dava uma idéia. Gallegos, escritor poderoso, soube criar um tipo e atravez desse tipo mostrar a situação em que vivem e atuam os seres humanos, os peões venezuelanos — e que é a mesma vida de misérias dos seus irmãos de quase todas as partes.

"O cavalo e a sombra dele", de Enrique Amorim, conta a história da decadência de uma família do Uruguai. E atravez da história da família vão desfilando tipos e costumes. O autor escreve com facilidade, sabe armar e conduzir sua história, os personagens se chegam, criam vida, vibram, são de sangue e nervos. Simples, claro, direto, o livro tem mais de um valor, embora uma como frieza do autor às vezes nos desagrada.

Mais importante nos parece "Huaspungo", do equatoriano Jorge Icaza, obra escrita num estilo muito pessoal, vigoroso e novo, de uma maneira vibrante e que nos prende. A vida dos pobres índios nos é mostrada em toda a sua miséria e degradação, sem panos quentes, sem poetização. A exploração, a fome, o abandono — tudo vem naturalmente. Jorge Icaza dá nome às coisas, não tem papas na língua, não tergiversa. O autor, com um profundo senso de ironia, sabendo medir, ridicularizando quando é preciso, sabe nos fazer amar e odiar seus personagens... Ademais o livro possui uma grande virtude que talvez os arte puristas, os intocáveis, os que escrevem para si mesmos e não se deixam emocionar com as coisas boas e simples da vida, os que vivem da introspecção para a introspecção, de esfalgarrem dentro de si mesmos, abomnem: é o sabor a fruta silvestre do livro, é a simplicidade, é a capacidade que tem o autor de prender o leitor, de trazê-lo amarrado à obra, grudado. Por tudo isto "Huaspungo" é um livro que fica: e juntamente com ele vontade de revolta contra tal estado de coisas. Um desejo de modificação, de melhoria, de mais compreensão e humanidade.

Allás, em última análise, em maior ou menor grau, é a impressão que todos estes livros que passamos rapidamente, deixam.

Não são obras gratuitas; são obras de combate.

Com seus defeitos e valores são obras que ajudam o homem, que vem do homem, que trazem uma missão: a de esclarecer e ajudar na luta por melhores dias.

S. M.

MOTIVO E CIRCUNSTANCIA DA POESIA

Poesia é uma forma, um meio de tomar posição e adquirir sentido, como qualquer outro. Não vale mais ou menos, não desmerece ou se valoriza entre as outras expressões de arte, simplesmente por ser poesia. Tal como o romance, a pintura, a música, isto é aquilo que as nossas preferências possam destacar, escolher. Com os seus condicionamentos próprios, o seu mundo típico, a sua maneira. Naturalmente que sim, com tudo isso que a diferencia dos outros géneros literários, das outras formas de arte. Tendendo para, no seu movimento criacionista, revelar com símbolos concretos em procura da sua irrealidade emocional, movimento este inverso ao da criação musical que, através de símbolos abstratos, se propõe para a realidade. Sem impedimento, no entanto de que na raiz da sua elaboração, na génese do seu pronunciamento, deixe de se vincular com a realidade, de se conduzir para a realidade. Quer ela seja proposta voltada para si mesma, egocêntrica em referência ao poeta. Quer ela nos venha objectivada ao colectivo, social no significado de se realizar enquadrada no grupo a que se dirija e a que o poeta pertença. Que dúvidas podem aí erguer-se? Claro: quer numa, quer noutra posição (as atitudes intermediárias nada contam para o caso), a poesia não vale só por si mesma, por ser poesia mais ou menos "pura". Antes, por aquilo que de esclarecimento racional souber conter na sua emocionalidade. Souber exprimir com as suas leis de ordem e clareza, condicionada pela sua necessidade de expressão. Enfim, por todos os meios de se refletir que lhe sejam próprios, imprescindíveis.

Dáí o vincular-se ao lado do seu processo estético de formação o primado da temática com a qual procure interferir. Escolas e processos encontram-se, desta maneira, relegados para um plano secundário. Escolas e processos, reafirme-se. Qualquer acusação de carácter puramente técnico, como as levantadas da poética tradicional contra os chamados excessos modernistas, afiguram-se invalidas devido à obrigatoriedade de se encarar a criação poética dentro de mais vastos, profundos planos de relacionabilidade e compreensão. Não há que pôr em causa, levar a julgamento a preferência por um ritmo matemático (que se julga ser atributo máximo da poesia clássica) ou por um ritmo sonântico (o da poesia confessada modernista). Um outro plano de compreensão sobrelevou-se ao do formalismo estético, um outro plano em que se procura avaliar até onde esse formalismo corresponde à imperiosidade de comunicação do tema que serve. Fundo e forma. Fundo e forma, dentro do qual o homem marcou o centro de radicação para que a luta se ocasione viva e intensa. Uma luta em que o passado se toma como um conhecimento experimental, e não como um condicionamento de limites estatificados. Uma luta activa da qual podemos considerar ter nascido o que deveria designar-se por poesia do mundo. Sem desprezo ou rejeição de tudo o que seja novo, sem abandono ou negação de tudo o que seja velho. Antes, servindo-se de um e outro tempo sempre que os seus elementos lhe proporcionem uma mais intensa exteriorização do seu delineamento estético e um aprofundamento do seu propósito temático.

Ao lado, portanto, da fórmula "intelectual e pouco humana" que distingue a poesia individual, realiza-se a poética da condutibilidade "intelectual e sempre humana". Necessária e naturalmente que, para esta última, as interligações da realidade e da vida articulada em todos os seus aspectos sociais, desde os de acção aos de aspiração colectiva, se procuram encadear numa análise objectiva, completa, preferencial por vezes que seja, dos factos. E, nessa análise, poesia toma a forma específica de confissão, enquadra os problemas que lhe pertencem, procura os elementos de solução que se lhe impõem. A vida social conjuga-se no plano de visão donde é focada, articulando-lhe todas as camadas sociais em que reflita. Preferencialismos e deformações são dados pertencentes a esse plano de visão e nunca frutos de um rebuscamento que os proponha. O humano-social aparece aqui no seu encadeamento dialéctico, real na singeleza de sua complexidade en-

frentando as classes em que se divide, os altos e baixos de um todo orgânico em contínuo movimento. Um humano-social activo, progressista, no qual os seres se encadeiam numa interrelacionalidade condutora.

Um esforço, uma jornada gigantesca de aproximação esclarecida antecede ainda esta nova etapa da poesia social, "intelectual e humana". Ela está vindo, por assim dizer, desde o tempo em que se exercia num limitado sentido "humano", sem o significado de colectiva, pois que esse conhecimento se dava para a sua criação e não na sua interferência. Embora a vida se realizasse em grupo e promovesse, como sempre se realizou e promoveu. Mas as suas circunstâncias sociais é que ainda se não encontravam preparadas, evoluídas de modo a tomarem consciência desse facto — e terão-no-lo atingido, ao nosso tempo, todos os grupos? Veja-se mesmo como só mais tarde o espírito da nacionalidade despertou esse sentido e lhe deu campo, como só mais tarde o colectivo iniciou o seu plano de universalidade, e lhe procurou dar âmbito compreensivo. Veja-se como só nos nossos dias o termo universal atingiu uma racionalidade lógica, promulgando com ela a interdependência dos grupos e condenando todo o esmagamento de uns muitos por alguns, por outros. E é à evolução desse sentido que nos nossos dias se tem procurado compreender e respeitar todos os diferencialismos, todos os particularismos de cada grupo, sem, no entanto, deixar de os enquadrar numa interrelacionalidade sem sobreposições negativas.

Assim, quando Eglê Malheiros canta no seu livro de poemas "Manhã" (CADERNOS "Sul" — Florianópolis, 1952. Capa de Carlos Scliar) o estar "Sendo em tudo./ E não sendo em nada", ou quando declama "Eu quero que as minhas palavras./ Sejam o eco de outras mil vozes", procura precisamente esse enquadramento "intelectual e humano", embora numa entrega orgânica ainda não atingida integralmente. Deu o grande passo inicial, indispensável; soube arrancar-se a um "egoísmo que quer ser dedicação./ A música repetida das neurastenias./ A paisagem estreita da auto contemplação, mas a verdade é que, mesmo levada do "limo do Eu" um primado idealista ainda lhe faz ver o Universal de um modo abstrato, como aquele de lutar "Um pouco em tudo. Nunca num porto só". Quando, realmente, o que devia ali revelar-se no seu canto era o erguer da luta num porto só, naquele mesmo em que estivesse o seu posto com o colectivo, e o seu povo, por conseguinte.

Esta atitude de partir, saltar do individual para o universal, não é menos perigosa do que a egoêntrica, pois que se exerce num movimento contrário ao do procurado enquadramento no coletivo. Só do nosso próprio grupo, do nosso meio sócio-cultural poderemos eficaz e afectivamente caminhar para o universal. Só através do conhecimento do nosso próprio aglomerado, e de todos os seus problemas, se pode atingir o valor humano do universal. Só allcerçados de interdependência que unem todos os aglomerados. Daí a sua sinceridade em confessar-se numa "viagem./ Ainda no melo./ Voltel bem pobre, /Trazendo comigo./ Sómente./ Os olhos/ E um pouco de compreensão". Daí o seu canto "Eu sinto a boca amarga./ E as palavras de ternura./ Saem torturadas". Daí aquele ainda "Medo./ Quase animal Pelos homens e pelo mundo", mesmo que logo a seguir afirme: "Mas além existe beleza./ E havemos de construir a paz". Uma beleza e uma paz que se nos afigura ainda condicionalizadas, dada a sua incompleta integração. Integração essa que encontramos já na poesia de uma Beatriz Bandeira ou nessa humana Lila Rippoll. E que Noémia de Souza, deste lado de cá do Atlântico, tão guerreiramente sabe cantar para os seus.

Poetisa, esta Eglê Malheiros. Não haja dúvidas em o dizer de quem nos sabe assim murmurar: "A noite é de calma: /Não vejo paisagem, /Não escuto rumor./ Aqui no meu quarto jazem os livros./ Porém eu não sou./ Na noite parada./ No sangue da terra, /No sol da amanhã,/ Bem calma, exultante, /Sim, lá me acharás". Poetisa com um lugar seu na novíssima poesia brasileira, ou simplesmente na poesia, para não usarmos de limites que ela acabará por destruir, que certamente um dia acabará por destruir. A intenção épico-lírica da sua temática de enquadramento

social através do universal, um sentido romântico das coisas e do mundo, e uma ingenuidade característica, densa nos seus próprios elementos de jogo poético, movimenta-a e condu-la ainda. "A Belloyanis", "Revolução" e "Suave Poema" são típicas dessa primeira atitude. "Presença" (que atrás transcrevemos) e "Instante" parece desmenti-lo, conduzindo-a para o isolamento. "Silêncio", um dos seus mais belos poemas, é um complemento valioso da intenção épico-romântica, a força e a deficiência de ainda se exercer, não do seu grupo para o universal, mas do universal para o seu grupo.

Toda essa força e deficiência Eglé Malheiros a condensa nesse seu desejo em que "Resume todos os sonhos./ Da humanidade de hoje", confim estético e temático com que procura integrar-se na luta do seu tempo. Confinação cujo pronunciamento biológico, social e psicológico, tende para a generalização, para um efeito de pensar que constitui a base da sua poesia dada em "Manhã". Mas que, ao mesmo tempo, se revela um princípio de identificação na sua eficiente causalidade, na sua razão de ser poesia. Ritmo e motivo, harmonia e circunstâncias, são pelos seus elementos estéticos, um conjunto que deveremos estimar. E uma voz segura, confiada, que esperamos voltar a ouvir.

Augusto dos Santos Abranches

NAMPULA

BREVES NOTAS SÓBRE LITERATURA ALGARVIA

A propósito dos dois últimos livros de A. Vicente Campinas

As terras do sul de Portugal, os Algarves, último reduto do reino árabe, são errôneamente conhecidas através da sua exígua literatura como terras de sonho e lenda, resíduos do paraíso islâmico perdido para os reis mouros. Não obstante esta realidade confrangedora para os que amam e pugnam pelo progresso da terra onde nasceram, o Algarve oferece os mais acentuados e profundos contrastes de paisagem humana e miséria social, onde tanto o escritor como o poeta se podem inspirar para feição de sua obra.

Desde o montanhoso até ao marítimo, esta alabada província oferece-nos uma ampla galeria de tipos pitorescos com inquietações sociais, que a maioria dos escritores algarves, evidenciando uma miopia intelectual, parece ignorar.

Afirmam alguns que o desinteresse que move os escritores ante a terra algarvia e os conduz ao abstrato, ao real, ao tradicional, ou ainda a um pretendido helenismo, é devido a ser o campo mais dividido do que nas outras províncias, isto é, onde quase todos os seus habitantes são proprietários de uma ou várias courelas de terra. Estamos crentes de que não é este o desinteresse, pois que tal fenómeno social, cujo significado só não abarcam os que não se debruçam sobre o vegetal do camponês algarvio, deve-se a ser este uma vítima da terra pobre, muito mais mal dividida; mal dividida; mal amanhada, que vê ou presente no seu pedaço de terreno um frágil refúgio, uma leve atenuante nos dias de miséria invernal. O homem do campo algarvio é, na sua maioria, proprietário com estomago de pedinte e vida de servo.

Ele não vive da terra comprada com o dinheiro amealhado à custa de angustiosas fomes ou herdado de seus ascendentes. Tampouco vive integralmente do trabalho rural nas grandes herdades dos ricos proprietários, ao contrário do que passa com o seu congêneres de Alentejo, província contígua, cujo fenómeno social apresenta ser bem outro, mas de consequências idênticas. A sua vida está ligada aos centros urbanos, onde procura angariar mercê dos mais diversos mistérios, o dinheiro ou alimentos imprescindíveis para a manutenção do lar. Duma maneira geral as esperanças do camponês pobre cifram-se na sua courela com possibilidade de uma futura emigração.

Como antítese da vida do montanhoso, se nos apresenta a do marítimo, rica de emoção, vibrante de espontaneidade, que evoca uma nova faceta de um mesmo mundo de miséria e injustiça social, sobre quem também nada escrevem os escritores algarvios.

As terras do sul, das amendoeiras em flor e das mouras encantadas; as terras lendárias, bordadas de neve pelas mãos líricas das virgens do Islão, não existem na vida real. Existe, sim, a tragédia dos lobos do mar com as suas tempestades e os seus naufrágios; a vida dos que arrancam às entranhas do oceano, em esforços atléticos, titânicos, o que de mais precioso nele existe: o peixe, principal fonte de vida das terras ribeirinhas.

Estas terras do sul, terras de desgraça e fado, banhadas pelo Atlântico, a embalá-las com promessas de futuras Áfricas e sussurros de caravelas sossobradas, não encontramos ainda, não diremos o seu sociólogo, mas sim o seu paisagista. A vida do mar, rica de matisms e profundamente humana, não foi seriamente descrita por qualquer filho da província. Tem-no sido superficialmente como pretexto literário unicamente. Para dar-nos alguns apanhados de Olhões de Fuzeta e Tavira foi Raul Brandão ao Algarve em 1922. Essas ligeiras pinceladas incluídas no livro "Os pescadores" é ainda hoje o que de mais sério existe escrito sobre os pescadores da província.

Como interpretar a pobreza dos escritores algarvios em face do panorama paisagístico e humano, preche de sugestões para um artista de intenções sociais? Para respondermos concretamente à interrogação, especifiquemos primeiramente a ca-

tegoria ou gênero a que pertencem os escritores ou poetas em questão: 1º) heleenos — os puristas de linguagem altissonante, incansáveis rebuscadores de esteticismos estereis e pueris, aristocratas da republica das letras; 2º) pseudo-folcloristas, desenterradores de temas cedicos e concorrentes de jogos florais; 3º) modernistas de concepção socialmente progressistas, menoscabadores do regional e exaltadores do universal.

Na primeira das três categorias em que encaixilhamos os raros escritores algarvios, estão aqueles que pela natureza de sua obra podem considerar-se artistas sem pátria, homens sem uma mensagem para os seus compatriotas, já que os temas por eles focados tanto podiam ter sido escritos na Africa como na Europa. Se algumas vezes invocam a sua terra, fazem-no apenas imbuídos dum sentimentalismo sebastianista (é o caso de Teixeira Gomes no exílio) do qual se busca tirar belos efeitos estilísticos, através de uma observação indireta e deformada onde não entra o camponio nem o lobo do mar. Neste grupo podemos enfilexar João Lúcio, Soares dos Passos e Cândido Guerreiro (poetas); Teixeira Gomes, Marcos Algarve e poucos mais (prosadores). Estes escritores, geralmente, pertencem às classes abastadas. Por tal motivo, quando dizem "o sol do Algarve brilha e aquece" mais do que o das outras provincias, "têm uma visão concientemente deturpada. A imagem sugerida por eles não é a do sol aquecendo os homens do povo, os seus trabalhos, os seus abrigos, os abandonados à intempérie social. Não; eles sentem os raios solares através duma sensibilidade individualista.

No segundo grupo estão englobados os poetas do chá das cinco, os cronistas das Cartas à Prima, etc. O pretendidamente popular neles é mefítico, tradicional. Nos seus escritos ou versos não há clima, ambiente, paisagem social, mas unicamente metáforas descoloridas e de mau gosto. São os escritores officiais, de boas maneiras, sempre à cata de bons empregos.

Na terceira categoria já deparamos com elementos de valor, constituídos em sua maioria por gente nova mas ansiosa de cultura e desempoeirada de entendimento. Trata-se porém — a parte algumas excepções como a de Manuel Nascimento, escritor de reais méritos — de elementos aburguesados que só intelualmente sentem o drama do seu povo. Eis, talvez, a razão da fuga que empreendem para a literatura cosmopolita mal disfarçada de nacional, num desejo de mais ampla projecção. Esse desdem com que esses jovens escritores encaram o regional, é uma prova irrefutável de que eles vivem para além das fronteiras do país de sua origem, desconhecendo ou conhecendo superficialmente os valores éticos e sociais do povo algarvio.

Outros fatores também de consideração no desvio destes jovens, é o de não haver no Algarve publicação literária de espécie alguma e, outrossim, serem forçados pelas condições económicas, a estabelecer residência na capital do país, onde perdem duma maneira geral o contacto direto com a provincia.

Estas breves considerações intentam explicar os motivos por que há escritores algarvios que não dedicam uma só página à sua terra.

As classes trabalhadoras do Algarve, muito incultas, ainda não nos deram o seu escritor. Esporadicamente tem surgido poetas populares, numa ou noutra aldeia que devido à sua condição de analfabetos, nunca podem escrever os seus versos. Mas eles, como autêntica poesia esfarrapada e faminta, sem trajos a primor e etiqueta de salão, andam na boca do povo num afago de paixão e revolta. Estes feitos da literatura que não encontraram na sociedade possibilidades duma vida intelectual, tem como expoente máximo a António Aleixo, um poeta fracassado que só uma existência retorcida impediu de ser como Brito, o popular e grande poeta chileno de quem Pablo Neruda disse:

"Jesús Brito es su nombre, Jesus Parrón o Pueblo,
y fué haciéndose agua por los ojos,
y por las manos se fué haciendo raíces,
hasta que lo plantaron de nuevo donde estuvo
antes de ser, antes de que brotara
del territorio, entre las piedras pobres."

Ante esta realidade da literatura algarvia, originada no incontestável atrazo social da provincia, resulta-nos mais familiar o terminus duma poesia de Maria Keil: "Terra pagá batizada. Terra mal aproveitada!"

E assim, através destas ligeiras divagações, chegamos aos dois livros de prosa de Vicente Campinas, aparecidos ultimamente. Trata-se de "Fronteiriços" romance e "Travessia", contos. Em ambos, o autor, sumamente interessado pelo drama das classes pobres de sua terra, dedica-lhes páginas febris de solidariedade, onde transpira a indignação que o anima contra as injustiças sociais. Vicente Campinas descreve a vida miserável das gentes ribeirinhas — um drama silenciado pelos escritores mercenários, malabaristas duma arte refinada sem incentivos humanos. Ele não cria o seu mundo à parte; o seu mundo é o mundo dos outros, dos humilhados e ofendidos, dos torturados na engrenagem social que tem a sua máxima expressão nas terras do sul de Portugal.

Em "Fronteiriços", o esboço duma obra de mais fôlego, que as dificuldades editoriais impediram de realizar, o escritor traça-nos um quadro objetivo e real da existência dos contrabandistas do rio Guadiana. Os personagens estão no livro como na vida cotidiana, nada há neles de fictício, de figuras meramente literárias.

O escritor em Vicente Campinas não atraçou o homem e este não tralou as esperanças postas pelos seus conterrâneos em melhores dias, em um futuro mais ridente. Há no livro algumas cenas que se nos afiguram inolvidáveis, pela naturalidade com que estão tratadas e nos entram no entendimento sem forçar a imaginação. São elas: a perseguição da Guarda-Fiscal aos contrabandistas, rio acima até terras espanholas; e o assalto do povo ao quartel. Nestas descrições o autor vai nos mostrando o carater do homem da beira-mar, a razão de suas lutas, o sentido de sua existência.

Em "Travessia", Vicente Campinas volta a tratar da gente do povo que põe a falar na gíria marítima rica de expressão e imagens evocativas.

Com êstes dois livros, o autor surge como o caboqueiro duma literatura tipicamente algarvia, de valor humano e sentido social.

Antônio Simões Júnior

CHAPLIN E A SAGA DO HOMEM

Que se poderá dizer de Chaplin? Biografá-lo? Será um truismo. Interpretá-lo? Uma temeridade. Que fazer? Chaplin é um singular num todo, mas plural em si mesmo. Precisamos vê-lo em todas as suas cambiantes.

Seus valores estéticos são definidos. Estabelecem uma linguagem cinematográfica funcional. Em seus primeiros filmes aprendeu o abecedário, que mais tarde transformou na sintaxe mais eficiente e menos redundante que já se viu no cinema. Manteve uma unidade, superando o academismo e as pesquisas modernas. Achou a linguagem necessária. Difícilmente poderá deixar escola, pois toda sua obra não pode ser despreendida de sua personalidade. Sem fazer escola ensinou. Entre os cineastas contemporâneos, só De Sica, até agora, compreendeu-lhe a lição, porque seguiu o mesmo caminho, que supera qualquer artifício cinematográfico, a fé no homem simples e a valorização de sua grandeza. De Sica pode abandonar o caminho, mas já está marcado. "Ladrões de Bicicleta" é um prolongamento de "Luzes da cidade."

Chaplin é político. Revolucionário como todo artista de boa estirpe. Não é partidário. É político, porque politizante. Sua obra desperta no homem comum, plural anônimo de uma casa de espetáculos, consciência de seus valores. Violenta sua pacatez conformada, fazendo-o sair do cinema com vontade de lutar. Dar socos, pontapés e tiros, pelo que é justo e reto, Chaplin sempre foi um inconveniente no mundo burguês. E a burguesia sempre ri gostosamente com suas comédias. Carlitos nunca zombou do burguês. A falta de consideração e respeito do vagabundo para com a ordem estabelecida, sempre foi resultante de seu conceito de valores. Para ele o verdadeiro sempre foi consequência do amor e da fraternidade. Nunca teve notícia das diferenciações arbitrárias, artificiais e inumanas da sociedade capitalista. Quando sente toda a miséria do mundo, torna-se máu, deixa de ser Carlitos para ser o cínico, irto e criminoso "Monsieur Verdoux", felizmente é apenas um momento. Imediatamente recompõe-se a harmonia, voltando ao mundo de encanto do "clow", com "Limelight". Mesmo abandonando seu caminho, Verdoux é ainda um protesto. Quebrou a harmonia lírica, mas permaneceu na seqüência natural do desenvolvimento chapliniano.

Chaplin tornou-se grande, porque aprendeu a fala universal. E a única linguagem verdadeiramente universal é aquela que pode ser compreendida pelas crianças. Por isto, encontrou a forma justa da sua comunicação na pantomima. Mesmo nos seus filmes falados, a expressão mais forte, o protesto mais frisante, fica no mundo dos gestos e do olhar. Quando, porém, precisa usar a palavra, para não macular as crianças com as coisas amargas que deve dizer, pronuncia os dois mais importantes discursos de toda a história do cinema. A fala final do "Grande Ditador", e a acusação de Verdoux no tribunal.

Carlitos é o símbolo do homem comum urbano. É um fenômeno da grande aglomeração humana. Seria totalmente impraticável numa paisagem rural.

Nada de excepcional nisso, apenas uma consequência intrínseca. O desajustamento, a frustração, as fobias, são fenômenos urbanos. Carlitos é o contraponto espiritual unitário do homem dentro da multidão o homem que recusa ser frustrado, que recusa a impiedade cidadina, fica à margem, faminto e maltrapilho, mas permanece puro, verdadeiro, integral.

A cidade moderna tem a tendência para a impiedade. Quanto mais cresce, mais se desagrega, se parte em grupos de interesses comuns, em classes, numa total anulação do homem, que passa genericamente de uma unidade espiritual à

partícula do conjunto, à engrenagem da máquina, ao plural. "Luzes da cidade" é o drama da impiedade da metrópole. Impiedade que o vagabundo se recusa a aceitar, reagindo em sua ingenuidade lírica, mas com intrepidez, valorosamente. E vence porque realiza o sacrifício do amor. Luta de todas as formas possíveis para conseguir o necessário à cura da ceguinha. A cidade não o permite, pois o problema é infimo para despertar seu interesse. Rouba. Nunca o roubo foi tão justo, digno, tão grandioso como aquele. É claro ser infalível o ajuste de contas, mas houve mais grandeza no ato do vagabundo, que em toda a justiça organizada que o levou à cadeia.

Que será "Luzes da cidade"? Pantomima romântica, declara o próprio Chaplin. Poema. Tragedia. Muita coisa pode ser, tal a sua grandeza e universalidade. Para nós é a concepção exata da vida urbana. Dos contrapontos, dissonâncias, das concordâncias melódicas da metrópole. O drama da solidão humana, em busca da fraternidade e do amor.

Desconhecemos quais são os sentimentos religiosos de Charles Chaplin. Carlitos, no entanto, é cristão.

Não vai nisso um julgamento gratuito. Há uma identidade tão clara entre os sentimentos do vagabundo e as verdades evangélicas, que só poderemos considerá-lo espiritualmente por padrões do cristianismo.

O ato da fé de Carlitos é sua crença no homem, sua pureza e sentimento de profunda fraternidade.

O homem é um ser sagrado. Transcendente. Cristo sempre o distinguiu unitariamente. São frisantes os destaques de Cristo ao homem específico. Nunca considerou o ser dentro da massa aglutinada, mas sempre particularizado. Do indivíduo passou à comunidade de indivíduos, mas destacou ao homem na sua vida social. As parábolas representam um exemplo claro de que afirmamos. Giram sempre em torno do indivíduo. O bom samaritano, a mulher que perdeu a dracma, o filho prodigo, etc... São destaques da particularização do Mestre. Isto porque só o homem realizado, integrado em si mesmo, poderá representar um valor na vida comunitária.

Carlitos é o símbolo do homem, no gozo de todos os valores que o tornam grande. O homem desarticulado, quando o querem transformar num prolongamento da máquina, como em "Tempos Modernos", o homem que vai "Em busca de ouro", mais na sua representação espiritual que econômica, o "Imigrante", em busca da realização.

Nunca, em nenhuma passagem de suas aventuras, o vimos num ato de fé. Pelo menos num ato de fé específico. Mas em toda a sua manifestação no mundo social, figuram os valores do homem cristão. Carlitos certamente acabará por ter de encarar as verdades religiosas. Com Verdoux ele sente os descaminhos do mundo, com "Limelight" a chegada do fim, já não está longe de encarar a eternidade.

A beleza em Carlitos realiza um velho ideal estético, pois é a representação da bondade.

A bondade, antes de ser uma atitude, é um gesto. Incondicional, espontâneo, livre e imediato. Estas, exatamente, as características da conduta do vagabundo chapliniano. O dar-se gratuitamente, numa solidariedade fundamental, sem nada mais que o único objetivo de servir e ser solidário.

Carlitos é bom, porque desconhece o mal, apesar de constantemente estar sendo espezinhado e humilhado por ele. Não discerne o egoísmo total do milionário

ébrio de "Luzes da cidade", do verdadeiro sentimento de amizade. Recebe-o como um amigo e dedica-se a ele com todas as potências de sua ternura. Quando precisa de auxílio, para solucionar o seu grande drama do momento, acha lícito recorrer ao amigo, que lhe dá o dinheiro, para imediatamente, no estado de consciência, desconhece-lo (a quem lhe evitou o suicídio), tirar-lhe o dinheiro, entregá-lo à polícia. Carlitos nenhum pensamento para a maldade e injustiça que lhe são feitas tem. Sua única preocupação é o bem por fazer, conseguir o dinheiro para a operação da ceguinha. Assim, ele necessita pesar num relance os valores alternados de cometer um erro, para praticar um bem. Sua resolução é rápida. Rouba o dinheiro que lhe fora dado e tirado em curto espaço de tempo. Foge, mas apenas o tempo necessário de assegurar a operação de seu amor, cujo resultado, para ele, será a negação da própria felicidade, pois assim que a jovem florista recuperar a vista, todo o retrato subjetivo feito de seu herói cairá fragorosamente. O melgo e delicado cavalheiro é apenas um maltrapilho vagabundo.

A bondade, sem a deturpação comercial e utilitária em que caiu a caridade, nem a violentação da integridade humana da assistência social, é dos maus puros valores. A bondade é gratuita e só assim tem valor, unicamente desta forma pode aspirar a ser bela como Carlitos.

Ody Fraga

O CANGACEIRO

Premiado no último festival realizado em Cannes como 'o melhor filme de aventuras' apresentado no referido certame e com menção especial dada à sua música, "O cangaceiro", produção da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, dirigido por Lima Barreto que também é autor da história e roteiro do filme, tomou uma posição destacada dentre as películas nacionais ultimamente lançadas. A crônica e crítica especializada da imprensa de todo o país muito tem falado sobre este filme, tanto louvando como atacando. O público acolheu-o de tal maneira que o seu sucesso de bilheteria tem sido notável. Mas tal êxito é uma afirmativa de que "O cangaceiro" possui dotes artísticos excepcionais?

O filme é sério, pretencioso. Lima Barreto, o documentarista bem sucedido de "Santuário" e "Painel", quiz atingir um objetivo elevado. Tomando-se em consideração o fato de ser este o seu primeiro trabalho de ficção e as dificuldades ainda persistentes em nosso insipiente ambiente cinematográfico, a realização é até certo ponto apreciável, justificando-se o sucesso popular. Entretanto, não chega a ser uma obra de acabamento artístico esmerado.

A fotografia de Chick Fowle é muito boa. A indumentária, desenhada por Caribé, dizem ser autêntica. Os diálogos escritos por Rachel de Queiroz possuem simplicidade cinematográfica, mas nem sempre apresentam expressões adequadas ao cangaço. A orquestração de Gabriel Migliori, inspirada em temas regionais, é de inteira capacidade superveniente, sendo uma pena que haja nuances italianas inseridas na partitura. Falando-se na música, também é de lamentar que, nas cenas do acampamento, as interpretações musicais feitas por Vanja Orico e Zé do Norte façam lembrar as películas carnavalescas da Atlântida. Parecem números de teatro de revista encaixados no desenrolar deslocados no conjunto, demonstrando a falta de unidade. Os tropeços aparecem de instante a instante na cenarização mal elaborada. Certos detalhes desnecessários diminuem o valor da película, como o episódio da caçada à onça, por exemplo, que está destoando, nada acrescentando e sem dar força nenhuma à narrativa.

O trabalho geral dos artistas atinge um nível elogiável. Milton Ribeiro destaca-se no papel de Galdino Ferreira, criando, psicologicamente, o personagem mais vivo e real. Faz um cangaceiro de personalidade própria, sem usar cacoetes frequentes em vilões cinematográficos. Neusa Veras (a prostituta) e Ricardo Campos (o cangaceiro que leva o galope, na melhor sequência do filme) talham bem seus papéis secundários. Vanja Orico, Alberto Ruschel (Teodoro) e Marisa Prado (a professora), atuam regularmente. Muita gente anda metendo o pau nas interpretações de Ruschel e Marisa. Imerecidamente! Ambos fazem um trabalho sóbrio, sem comprometer. Não usam maneirismos ou afetações tão comuns em "astros" de primeiro plano. Até poderiam ter produzindo mais, coisa que estava ao alcance dos realizadores. E não tiveram culpa se foram obrigados a criar dois personagens tão padronizados que é quase impossível vivê-los sem fugir à banalidade. Quanto aos demais atores estão na mesma regularidade, destacando-se o próprio Lima Barreto como o mais fraco do elenco.

Alguns críticos, talvez dominados por patriotismo exagerado, causado pelo prêmio de Cannes, consideraram "O cangaceiro" como um grande filme. Também assim o quer considerar o seu diretor que anda se julgando um cineasta genial, conforme se deduz das suas declarações pessoais feitas à imprensa. O trabalho não consegue aprovar o auto-conceito. Se, em certos momentos, Lima Barreto dirige com espírito e garra, acertando, demonstrando que ainda poderá vir a ser um ótimo realizador, na maior parte das vezes cai na rotina exigida pelo convencionalismo do entrecho amoroso, deixando-se levar por influências ou sugestões estrangeiras. É visível a sua preocupação de agradar o grande público, com o tom aventureiro e os efeitos baratos. Naquele final da película, quando Teodoro é baleado e continua caminhando com dificuldade, cambaleando e com as folhas da árvore desprendendo-se sobre ele, há uma forma rebuscada. É uma composi-

ção, ao mesmo tempo patética e poética, realizada numa linguagem cinematográfica dosada com bastante preciosismo e apolada num lirismo fácil. Ainda, em outras cenas, há alguns ditos e situações que denotam manifesta preocupação de obter bilheteria certa. Ora, quem faz um filme cheio de concessões ao mau-gosto de certas platéias, só poderá prejudicar o conteúdo verdadeiramente artístico.

Se existe algum vigor no estilo de "O cangaceiro", em contraposição, falta profundidade ao seu tema. Não há penetração na história e nos personagens. Fazendo-se uma comparação com a nossa literatura, pode-se afirmar que este filme está mais próximo da falsa literatura de um José de Alencar do que ao realismo de um Euclides da Cunha. Embora Lima Barreto possua alguns méritos como cineasta, não há razão, pelo que realizou, de querer subir a um pedestal que não lhe pertence. Simplesmente fez "um filme de amor e aventuras" que agradou ao povo como espetáculo recreativo para matar o tempo, devido a certos elementos que o compõem, como a interpretação da música, a emoção bem expressa em certas partes, o ritmo vivo que mantém o espectador numa atmosfera de constante interesse pela narrativa e a limpeza da fotografia. Se o filme possuísse melhor continuidade e fosse dono de um argumento que retratasse um nordeste mais convincente, satisfaria plenamente. Assim como foi realizado, convence apenas sob o ponto de vista industrial, levando-se em conta o estado em que ainda se acha a nossa cinematografia.

Certos críticos de mesa de Café que nunca saíram do Rio Grande do Sul, logo apontaram o maior defeito no filme de Lima Barreto: "O cangaceiro", pelo motivo de haver sido realizado no interior de São Paulo, não apresenta uma realidade geográfica. A paisagem não é a mesma do nordeste das secas e do "cangaço," afirmaram cheios de sabedoria. Mas pensando-se com sensatez, pondo-se acima dos conceitos emitidos por tais "entendidos", não se olhando a roupagem porém prescrutando o coração desse corpo complexo que é a sétima arte, verificar-se-á que a falta de veracidade no aspecto geográfico é coisa de somenos importância, se for observada, por outro lado, a falta de outra realidade imprescindível. Refiro-me à realidade humana que foi desvirtuada, pois o filme acentua os aspectos mais negativos do povo do nordeste. Mostra um nordeste de crime e sangue, até figurando um político sujo e vil, dando o ar da sua graça, procurando aliar-se excessivamente aos cangaceiros afim de conseguir votos nas eleições. Não sobrou uma só contribuição idealista ou mensagem nobre. O cinema não se abriu aos problemas do homem daquela região, do retirante desamparado ou do trabalhador que vive num regime verdadeiramente feudal. Lima Barreto explorou um surradíssimo caso de amor, já por demais superado, entrelaçado com a aventura fácil, não dando ao filme que contou com a cooperação satisfatória da fotografia, música e elenco, um sentido social e documentação real.

Junho, 1953.

Antônio da Silva Filho

CARTA DE MAIO

Walmor Cardoso da Silva

Torno o céu de azul leve
com rosas nuvens desenhando
tua figura.

Pintor de cores imprevistas
torno meu poema
uma aquarela súbitamente.

Que mais eu tenho senão
a rosa que desenho
então?

Traço uma rua resolvendo
mostrar somente telhados,
luzes distantes, môro, nuvens
e a rosa.

Tomo do céu que está presente
e dou à paisagem a tua presença.
As nuvens são teus retratos
unicamente.

À S A S

Aníbal Nunes Pires

a Mário Mota.

Em viagem sem retôrno,
os pássaros voaram
com tôdas as ternuras.

Para o mundo...
Para Portugal...
Para prisões
onde pássaros se debatem
contra as varetas marginais

Partiram pensamentos,
Partiram ternuras
e asas feridas
ficaram,
piando saudades.

QUANDO O VENTÔ BRINCA NAS RUAS

Eglê Malheiros

O papel que estava quieto, calmo, esquecido,
É convidado a largar o chão poeirento
Com marcas da vida da gente da rua.
E eis que a lição do menino vadio
(Quem pode estudar com o estômago gritando?)
Abandona num revolteio
As frutas podres, restos de pão,
A botina velha,
E um velho soneto de amor,
E lá vai brincar, dançar, subir ...

E o vento louco, esteta insano,
Desfolha as árvores e veste o chão.
Faz do papel estranha flor
Plantada à fôrça nos ramos nús.

Enquanto isso ...
Na rua suja com lama e lixo,
As marcas tristes das vidas pobres,
Formam enfim um monte só
E é porisso que eu penso sempre
— Quando o vento sopra nas ruas pobres,
De gente triste com fome e doença —
Que êle é também, grata esperança,
Como um símbolo,
Como um chamado de união.

INGENUIDADE

Antônio Paladino

Onde está a ingenuidade das criancinhas !
Onde está a ingenuidade das criancinhas ?
Eu estou saturado
Oh ! homens que me escutais !
Eu estou esgotado . . .
Respondei-me oh ! homens que me escutais :
Onde está a ingenuidade das criancinhas ?

Falai oh ! eternas vozes mudas
E respondei-me :
Onde está a ingenuidade das criancinhas ?

Eu preciso dessa ingenuidade outra vez,
Eu preciso banhar-me nela outra vez.

A alma está morrendo, oh ! vozes mudas :
Ela transborda ;
Ela sufoca.

Respondei,
Respondei depressa,
Oh ! homens que me escutais :
Onde está a ingenuidade das criancinhas ?

Ouvi-me, oh ! ouvidos que jamais escutaram,
Ouvi-me e respondei :
Onde está a ingenuidade das criancinhas ?

ICARO

Lycio Neves

O avião
É um gráfico
Muitas vezes
Homem no espaço.

Os caminhos esperando,
Devoram longos
Braços e centopeias.

O pássaro
Nêste momento
De serenidade,
Fica transformado
Em suicídio.

Rio, outubro de 1952

CONSTATAÇÃO DO INEFÁVEL

Máximus de Mello

Não; o mundo não tem testemunhas contra o meu evento.
Sou para a minha desgraça
a base e o ponto mais alto.
Olho o quarto do tangível:
só formas para os sentidos
dimensões do mundo útil
e morte de nôjo e medo.
Viro a face ao sol poente
à espera do que virá.
Virar a face é o que basta
não viro por esperar.
Confio no que me prende
e cria em mim um segrêdo
— sou dono de um novo avanço
e um mundo por habitar.

N I N G U E M R E P A R O U

Luiz Gonzaga Rodrigues

Ninguém reparou...

Que Duquinha acordava com os olhos nos pratos,
mas a seara era pouca e há dois dias, findou.

Sua mãe que era magra, já tísica, cansada
com um forte puxão a blusinha rasgou.

E com os seios já moles, duídos, mirrados
— o filho amamentou...

Nninguém reparou...

que eram uns seios sem leite os que Duquinha chupava
e a pobre chorou!

O pai do menino, em angustia, gritava:

“Não chora, danado, amanhã trarei leite”

A criança adormeceu...

E faminta, sonhou:

“Era uma vaca pintada e um balde de leite

“que um velho adiposo e barbado arrastou,

E das barbas do Velho, Duquinha arriancava

Cachinhos de lã que faziam calor.

“Foi no fim de Dezembro, Duquinha pulava

“Com as calcinhas de lã que o Ancião lhe deixou...”

Quando o sol despontava, Duquinha acordou.

Dos olhos da mãe duas lágrimas rolaram

quando o filho contava o Natal que sonhou!

E ninguém reparou..

— Espera, meu filho, teu pai vem com pressa.

Traz leite, traz pão, calcinhas, brinquêdos...

E Duquinha berrando, voltou à tipóia

de novo adormeceu e o pai não voltou.

No dia seguinte os jornais anunciam:

“Foi prêso, ontem à tarde, um larápíio cretino

“Que na “Fábrica do Outeiro”, o chefe, ameaçou.

João Pessoa — Paraíba

POEMA

Agostinho da Silva

O braço de lilazes fresco e límpido
se erguia sôbre o muro
gotejado de orvalho
aljofrado de luz
e ali teria ficado
se não tivesse chegado
o louco inverno de baixas nuvens
e esmolas de mão a mão
e o vento uivado e lamentado por vales e montanhas
ai solidão solidão
e se tivesse ficado
quem lá teria chegado.

DIA A DIA:

Noêmia de Souza

Dia a dia,
o pulso à roda de tudo
se aperta mais e mais...

Dia a dia,
grades e grades se forjam
tapando o sol de toda a gente.

Dia a dia,
do fundo da noite em que nos estorcemos
mais e mais se sente
a certeza radiosa de uma esperança...

22-XI-1949

CIUDAD

Blanca Terra Viera

Una ciudad crecida por sus muros
nacida de la tierra y de su fiebre
apenas por el cielo atormentada
en medio de su sien y de su curso

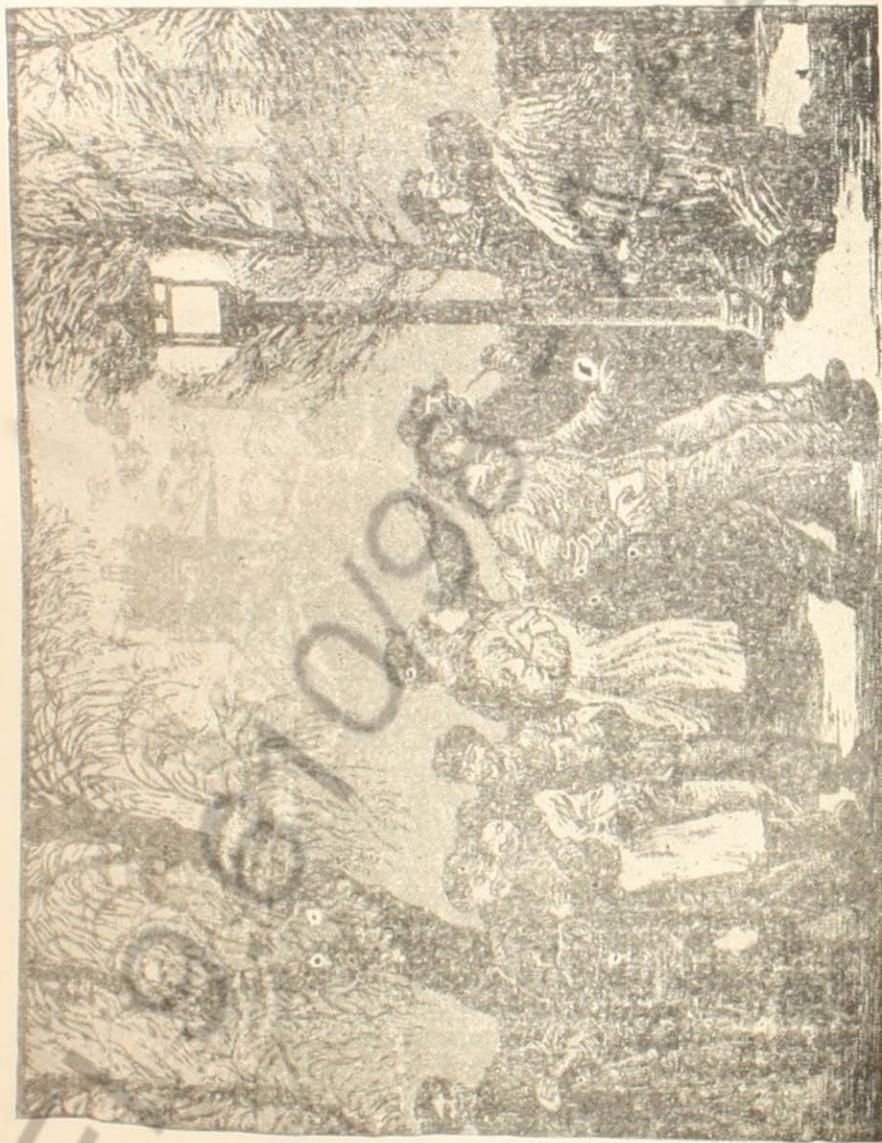
Ciudade en torno de su voz y herrumbre
asida a diestra y réplica segura
huesped alterna de pasión y estambre
asilo de la estrella o de la alforja

Un despertar de pajaros te alcanza,
madrugada de sueño irresistible,
sombra en desvelo y paso sin distancia
naciendo de la estrella hacia la nube

En medio de creciente niebla augusta
no circulas te entregas por albergua
hipnotizas el sueño y su castillo
capital de cemento y de fatiga

Un poeta te cruza sin asombro
sacudido de cielo y de su polvo
ageno de tu calle y tu descanso
alerta a alguna voz que te desune.

Por aquella sonrisa que te atreve
y una pequeña sombra inesperada
dejo tu nombre esclavo a mi pestaña
recordable de luz y de destino.



Trabalhadores dirigindo-se à escola noturna — Xilogravura
da Khu Yuan (coleção novos gravadores chineses)

TEODORA

A. Boos Júnior

O relógio avança impassível: vinte-e-três horas. Estou sózinho na sala de jantar. O rádio, em surdina, liberta um boogie-woogie solenento que sugere passos complicados, negros sorridentes. Harlem. Negros esquecendo, livrando-se de preconceitos americanizados. O boogie-woogie sugere Teodora. Teodora entra de mansinho, como um silêncio triste de saudade.

Olha-me com os olhos parados, tristes, sem expressão. Senta-se na outra extremidade da mesa. Nenhum gesto especial, nenhuma palavra. Apenas cansaço. Olha para a Santa Ceia presa na parede. Nenhum movimento, nenhuma palavra. Apenas olha Jesus Cristo, cansado, repetindo um gesto de 1953 anos. "Cadê o pão que estava aqui?" Procuo entabolar conversa com Teodora. Inútil. Teodora não fala. Sómente uma tristeza doentia nos olhos cansados. Uma tristeza que faz mal à gente.

Recordo a chegada de Teodora. Pequeninha, enfezada. Suja e esfarrapada. Minha avó contando aos vizinhos "... com a roupa do corpo!..." Vestiram a negrinha treze anos num corpo mirrado de sete. Brincava, conformada, com minhas primas. Ricas e saudáveis. Teodora, pobre e vestida de retalhos. Tossindo sempre. Minha avó preconizando "... acaba fraca do peito..." Mas não ficou. Foi crescendo, botando corpo. Deixou os brinquedos infantis. Nunca mais se ouviu o "ciranda, cirandinha..." passivo da negrinha. Que não era mais negrinha. Era uma negra. Ainda de sorriso triste, mas de peitos agitando as blusas que ela mesma fazia. Minha avó, ainda com os vizinhos "Não demora, vai embora: já está vestida!"

Agora, olho a negra. Deformada pela gravidez. Enorme, inchada, triste. Torno-me trágico. Não foi apenas o peito que se tornou fraco: foi toda a carne. Mas, ela nem é fraca do peito. Retífico o pensamento: a carne é que é fraca mesmo. Ensaio um sorriso que Teodora não responde. A negra, embora grávida, ainda é pura. Não me conformo com a safadeza que fizeram com a negra. Não há mais "ciranda, cirandinha...", há uma espera enjoativa. Teodora não devia estar aqui. Há muito tempo que é empregada da minha tia.

Minha família dispersou-se. Casaram-se uns, outros foram embora. Voltam, às vezes, pelo Natal. Prósperos, felizes, burgueses. Exibindo filhos e indumentárias que a prosperidade comprou. Sinto saudades dos velhos dias de Natal. Eramos — eu e minhas primas — crianças felizes. Teodora, apenas criança. Em caixas vistosas vinham os nossos gritos de alegria. Apenas Teodora não ria nem gritava.

De doze pessoas à mesa, ficamos reduzidas a quatro. Eu, meus avós e uma tia. Teodora foi trabalhar em casa de outra tia, professo-

ra que deseja tudo em ordem. Minha tia não quer outra empregada. No mundo, só existe uma Teodora. Teodora é submissa. Não fala, não chora, não ri. Teodora não devia estar aqui. Devia estar nos fundos da casa da Tia Leonor. Quarto de madeira, frio, sem fogo, sem nada. Devia estar esperando a hora de ir para a casa de seus parentes. Pergunto se Teodora tem parentes. Exaspero-me porque a negra não responde. Mas deve ter algum parente. Mais pobre que ela, forçosamente.

Não me conformo com a gravidez de Teodora. Pergunto como foi. A negra, coitada, nem responde. Parece que vai chorar. Arrependo-me e justifico o estado da negra. A praia é tão grande, tão deserta à noite. Alguém que Teodora só sabe o nome. A negra, coitada, nem responde. Olha a Santa Ceia. Digo que ela devia ser como Judas. Ávara, protegendo, com firmeza, sua pureza. Volto a me arrepender: a negra ainda é pura. Esforço-me para calcular sua gravidez. Sete, oito meses? ... Não sei, não entendo dessas coisas.

Ratos fazem barulho na cozinha. "Sibarita" dorme o sono tranquilo de gato bem alimentado. Ainda continuo tentando entabolar conversa. Digo as horas para ela. Quasi meia-noite. Ela nem perguntou. Acredito que não saiba o significado do tempo. Para ela tudo deve ser uniforme, normal. Até a gravidez. Pergunto se não havia outro nome para ela. Teodora é um nome horrível. Nicéia ficaria bem. Teodora esboça um sorriso. Grande progresso, sem dúvida. O sorriso morre e o relógio acaba com outro dia.

Exaspero-me e chamo Teodora daquilo que ela não é. Não diz nada. Uma sombra mais densa nos olhos tristes, um tremor no lábio inferior. Vai chorar. Levanta-se e vai embora. Tem vergonha até de chorar na minha frente. Vai embora sem ruídos. Sem um gesto de protesto ou rancor. Irrito-me ainda mais. Minha tia é que tem razão! Negra vai na conversa de homem é porque quer. Teodora é aquilo mesmo! Se tivesse juízo não faria aquilo. Minha tia, minha avó, todos tem razão! "Essa negra vagabunda é que não vai parir aqui em casa! As palavras da minha tia soam estranhamente na madrugada. Minha tia, professora, falando em parir. Como se falasse de um bicho.

Tia, Teodora não é bicho. Porém, minha tia está longe. Dormindo feliz. Sonhando com provas de português e matemática. Sem Teodora no pensamento. É a última coisa que meu pensamento articula. Um cansaço enorme nasce em meu cérebro e envolve todos os seres e objetos. O rádio detona o INDUSTAN, frenético e irresistível. Em outra ocasião qualquer, me eletrizaria. Agora, não. Tudo é cansaço dentro da noite. Apenas o choro de Teodora, lá fora, parece irremediável e sem fim.

Florianópolis, Junho de 1953

NEGÓCIO

P. Silveira de Sousa

Os sapatos velhos subiram dois degraus. Caminharam alguns passos no corredor de cimento. José comprimiu a campainha da porta. Paredes amarelas. Vasinhas de cactus nas paredes.

As passadas vieram num crescendo, do interior da casa.

— Olá! Pode entrar

— Como vai, Augusto

— Entre, faz favor

Chão encerado. Uma estante de livros. Poltronas.

— Que é que há de novo?

— Nada de bom. Eu vim aqui por que vou fazer um negócio. Viração. Sabe como é?

Riso idiota, sem motivo.

— Ando com vontade de abrir uma portinha aí... Vender cigarros no princípio, sabe como é... Depois se puder a gente aumenta...

— Sim.

— E... Eu tava com vontade de vender também bugigangas, jornais... No princípio acho que não vai dar nada... Depois a gente vai pegando freguesia etc...

— Onde vai ficar?

— O negócio? Vai ficar na rua D... É uma portinha pequena. Já tenho a licença da Prefeitura, o alvará, tudo legalizado. Já estou pagando há seis meses...

— Ah! está funcionando então?

— Não, não. Por isso é que eu vim aqui. É... Eu estou numa entalada... O negócio precisa de um balcãozinho, umas prateleiras. Eu ando meio michado, sabe como é?

O riso idiota na face. Silêncio.

— Quanto é que vai sair, mais ou menos?

— Eu calculo uns mil e quinhentos. É. Vai sair mais ou menos por isso. Eu já tenho um carpinteiro aí... Cara do peito! Acho que tudo não vai sair por mais que isso.

— E você tem capital para sortir o negócio?

— Ah! isso eu arranjo mais tarde. No princípio eu vou trabalhar só com comissões. Não dá nada, mas pra começar tá bom. É preciso meter os peitos. Eu tenho umas casas aí que me fornecem material.

— Você está trabalhando?

— Biscate. Arranjei uma boquinha no Correio. Micharia, sabe como é? Quando abrir a portinha eu dou o fóra. Não vale a pena...

— Quer dizer então que o sr. virou comerciante?

O riso besta respondendo. José envergonhou-se, diminuiu-se. Os sapatos velhos tamborilaram nervosamente no chão encerado.

— Bem Zé eu vou ver o que posso fazer.

Augusto se levantou, deu uns passos pensativo, parou.

— Na verdade eu não ando bem de vida, não. Devo uma certa quantia...

Mas vamos ver se damos um jeito. — Augusto sentou-se novamente.

Você pode passar aqui amanhã, pela manhã? Está certo. Amanhã lhe darei a resposta. Concorda?

— Sim, naturalmente... Até amanhã, Augusto... Obrigado...

— Até amanhã.

As ruas eram estreitas e tortas. Os sapatos velhos pisavam nelas, timidamente. Amanhã? Talvez. José estava arrependido — Encolhera-se. Seguiu uma idéia maluca que se engarrafou na cabeça — Amanhã?

O sol amarelava os casarões velhos coloniais, disformes. E as pessoas andavam preocupadamente pelas calçadas. Mil e quinhentos cruzeiros. Então sim, nasceria uma portinha, modesta a princípio. Jornais, cigarros, bugigangas, vendido tudo. Amanhã? Pessimismo.

De repente, surgiu a avenida, como uma cobra. José acompanhou maquinalmente suas sinuosidades, sem pressenti-las. Torvos e lentos, como as águas do rio que corria lá embaixo, sem ruído, os pensamentos de José foram andando, andando sob a sombra das árvores.

DESCRENÇA

Silveira da Penha

Alonso cerrou vagarosamente o portal gradeado, os gonzos rinchando chorosos, e pisou a estradinha estreita calçada de paralelepípedos regulares. Em seguida, o silêncio moroso seguindo-lhe os passos, a vaga claridade lunar iluminando-lhe a cabeleira encanecida, caminhou por entre os túmulos de caiação branca e tristonha. A notada fixidez do olhar, o abandono do porte grandalhão, a cabeça enterrada quase no peito, cercavam-no de um não sei que de tristeza, exquisita e relaxada melancolia. Andando, dir-se-ia um autômato, guiado por mãos estranhas e estranha inteligência. Um semi-morto, um corpo ativo porém fútil envolvente de um espírito aniquilado ou entorpecido. Isto tudo no entanto não era mais que aparência, simples e premeditada aparência. Na verdade vivia e com que desgraçada vitalidade se fazia sentir este seu viver!... Dolorosos pensamentos revolviam-se em seu cérebro cansado, caejado também, por um intenso labutar de 38 anos seguidos. Recordações de um passado qualquer e distante, máguas deste ou daquele modo suportadas, azares sofridos, tudo lhe vinha à mente de um modo claro, desastrosamente claro.

E sofria Alonso Pacheco... sofria muito embora o espírito maltratado pela sucessão continuada de amarguras, para si próprio reservasse o inteiro conhecimento dêste padecer, evitando sua exteriorização em feições sombrias, músculos repuxados ou distenidos. Nada disso... Revestia-se, pelo contrário, daquele envoltório de exquisito abandono, embora premeditado e algo melancólico. Sentia-se sempre bastante homem para ouvir suas próprias dúvidas, destruir sem ageitar maiores alardes o dualismo enervante que não raras vezes se apossava de seu espírito. Analizava-o detidamente, pesava-lhes os prós e contras e, reconhecendo-lhe a futilidade relegava-o incontinenti ao descaso do esquecimento. Vencia a si mesmo vencendo as questões enervantes com que lhe premiava a mente irrequieta. Sempre fôra assim...

Alcançou a parte pobre do cemitério. Arrancou o olhar da fixidez em que repousava e pô-lo a percorrer a infinidade de sepulturas que ladeavam a estradazinha calçada. Divisou logo, poucos metros à esquerda, o fruto de sua insistente procura. Aproximou-se. Num gesto espontâneo e simples descansou o corpo na areia úmida de orvalho. Entrelaçou as mãos apoiando-as sobre o joelho e ficou-se a examinar, imóvel, o leito de morte estirado à sua frente. Considerou-o. Era uma sepultura comum, em tudo semelhante à centenas de outras situadas naquela mesma quadra. Um simples amontoado de terra batida recobrimdo um tóscico caixão onde repousava uma criatu-

ra, seus restos podres e fétidos ou sua carcaça de ossos amarelados, corroídos. Ou ainda, quem sabe, o pó, o quase nada em que invariavelmente se transforma a volúvel matéria. Na cabeceira a mesma cruz de madeira, esta novinha, cheirando o lenho verde; aquela antiga, a côr marron-acinzentada, carunchosa, os braços descambando... Outras, como esta em sua frente, rústica, o lenho virgem de formão ou outro instrumento qualquer de carpintaria. Simplesmente dois paus cruzados, unidos às pressas com um coto de arame velho e enegrecido pela ferrugem. Miséria, abandono, desleixo... Talvez um, talvez outro... talvez todos...

Pobre inocente — raciocinou Alonso, o coração consternado, uma lágrima umedecendo a vista. Miseria criança...

Repousado em seu quartinho de menino pobre, Alonso Pacheco distintamente escutou os gritos raivosos de seu pai, o estúpido sêco do revólver disparado. Assustou-se. Um pressentimento repentino, mixto de incompreensão e temor, fê-lo escapulir de sob o calor dos cobertores para a fria temperatura ambiente. Venceu, num rápido instante, o frêmito de indecisão que dêle se apoderara e disparou, aos pulos quase, em direção do quarto paterno. Não chegou a alcançá-lo. Barrou-lhe os passos o seu Antonico, o alfaiate do quarteirão, arastando dali para fora. Chorou, debateu-se em esperneios e sapateadas, mordeu e arranhou. Tudo em vão. Minguadas eram-lhe as forças de menino para pelear com os dedos másculos que lhe magoavam os braços. Abandonou a luta pois, entregando-se mais à fundo à choradeira sentida. Horas cheias de dúvidas, horas amargas, dias...

No tribunal, sentado junto do seu Antônio lá para os fundos da sala superlotada divisou a figura triste do pai descançado no banco dos réus. A cabeça enterrada no peito, os ombros caídos, as mãos parecendo mortas, abandonadas sobre a fazenda grossa de brim... Tão exquesito! Tão diferente do homem alegre, da criatura folgazã que o acompanhava nas brincadeiras; que o tomava nos braços diariamente e, rindo, narrava-lhe as historias bonitas, os conselhos que lhe tornaria conforme ele afirmava mais leve a vida futura... Tão outro! Tão...

Alonso não compreendeu nada do que disse o promotor. Viu-o apenas gritar, desfazer-se em gestos teatrais, falar em "crime passional", "sangue frio"; "escória da sociedade" e uma porção de outras palavras difíceis e incompreensíveis. Examinou, com olhar demorado e atencioso as feições calmas do homem de vestes pretas, escondido e atencioso as feições calmas do homem de vestes pretas, escondido quase por de trás da mesinha alta a brincar distraído com o martelinho de madeira. E o juri também, uma reunião desigual de criaturas

diversas: homens sizudos ou indiferentes, mulheres de olhares bulhosos, o risinho nos lábios a gozarem a desgraça alheia...

Seu pai, homem orgulhoso, de modo algum aceitara o advogado que seu Antonico andara ageitando. Nada d'isto. Era Macho respondera, o bastante para enfrentar corajosamente qualquer situação advinda. Para arcar com as responsabilidades de seus atos e justificá-los perante quem de direito. Advogado? ... Um simples enunciador de leis, parágrafos e artigos. Babozeiras e mais babozeiras. Ademais, esperava ser julgado apenas, não defendido. Confiava...

— Deudésio Pacheco — gritou lá de cima o juiz, enquanto uma onda de murmúrios abafados percorri a sala, fugido da boca de dezenas de curiosos assistentes. Olhares interrogativos convergiram para o personagem chamado. O réu levantou-se e caminhou, passadas vagarosas, o porte de repente altivo, — somente no olhar uma firme tristeza — para perto do júri. O silêncio fez ninho na sala repleta, apenas acalentado pelo leve ruído das aspirações.

— O acusado dispensou defensores continuou o juiz. Que o mesmo pois, com suas próprias palavras exponha aos senhores do júri a sua defesa.

Silêncio ainda, a expectativa suprimindo cochichos e conversas. Deudésio Pacheco percorreu com os olhos os assistentes todos e os jurados logo após, um a um. E falou em seguida, o tom de voz firme, seguro.

É simples o meu caso senhores, bem simples. Amei uma mulher, a ela dediquei o melhor de mim próprio: meu carinho e meus suores. Traiu-me. O corpo que por 10 longos anos vesti, protegi e alimentei abandonou-se as braços de um estranho. Matei-a... Sou homem como os senhores todos o são também. Há sangue em minhas veias...

O padre Júlio, vigário da paróquia, não se cansava de extranhar a atitude exquisita de seu meditado empregado. Trabalhando na igreja, sempre rodeado de santos, arcanjos, rezas e fiéis e no entanto sem ter comparecido uma única vez às santas missas, às novenas... Nem mesmo por um instante o vira ajoelhar-se diante de um qualquer dos altares, rezar ou ensaiar um simples "pejo sinal". Nada... Apenas serio e pacífico, totalmente entregue ao seu trabalho, a vasoura entre as mãos, um martelo, pregos...

E o povo já com falatórios perigosos: na própria igreja um ímpio... Não era possível continuar de tal modo. Não era... Precisava dar um jeito na situação. Modificá-la... Quem sabe expondo o caso diretamente ao Alonso..

— Sinto muito Alonso, porém assim não é possível... Você é

um empregado honesto, não se pode negar, mas o povo... você compreende... começa a falar Mexiricos, "diz que diz" .. Sinto muito..

Era coveiro e o emprego agradava-o plenamente. Parecia mesmo ter sido feito exatinho para êle. Sob medida até... E porque não? Sempre solitário, o silêncio acompanhando-lhe as horas, as noites... Uma cova, um cadaver a enterrar, mais um companheiro discreto, mudo... Paz, quietude completa.

As vezes, quando a melancolia batendo rijo povoava sua mente de dúvidas, indecisões, descançava num túmulo qualquer e punha-se a pensar. Meditava... surgiam os fatos passados, recordações... Seu pai, o jurí, o juiz brincando distraído com o martelinho de madeira... E a sentença: 30 anos... A justiça humana, a misericórdia divina, Deudesio Pacheco, falecido após 11 anos de reclusão... Desfaziam-se as dúvidas; a um descrente...

Encetava um daqueles seus passeios solitários quando de repente viu sua atenção dirigida para um vulto pouco distante, descançado num dos túmulos. Surpreendeu-se. Refez-se no entanto rapidamente e se resolveu a investigar. Aproximou-se... Espantou-o deveras o rapazinho magricela, exquesitamente sentado sobre a lage fria, a cabeça entre as mãos, ouvindo o silêncio. Depois pensou tratar-se, como êle próprio, de um descrente. Nada temia porque em nada acreditava...

— Mas... não — retificou-se logo. É muito criança, muito novo...

Falou-lhe: — Que fazes menino? Os outros ha tempo se retiraram Já não é hora de se visitar o cemitério. A noite ai está...

Tomou-o amigavelmente pelo ombro.

— Venha — disse — Acompanhar-te-ei até o portão... E o rapazola desapareceu, vagarosamente, em direção da cidade.

— Pois é isto mesmo Maurício. A vida é uma futilidade, uma tremenda tolice que cometemos cada mísero segundo durante quantos e quantos anos. Misérias e mais misérias... Injustiças também Crueldades... desgraças e dissoluta sociedade que a seu gosto a uns protege, a outros impiedosamente destroe... Crueldades...

— Também penso assim seu Alonso. Também penso assim...

E Alonso Pacheco sabia serem sinceras as palavras do rapazinho tristonho. A tradução exata de um estado de alma prestes a ganhar firmeza, segurança absoluta. Maurício era a primeira pessoa que em 26 anos de solidão completa conseguira ganhar a sua amizade, sua

confiança... As mesmas idéias, os mesmíssimos pensares, o mesmo desacorção total... Dois íntimos, um traquejado e áspero, outro inexperiente, juvenil, soando uníssonos, pisando a mesma estrada miserável...

Palestras, melancolia, palestras ... Sentiam-se felizes os dois com aquela estranha amizade...

Alonso enterrou-o com todo o carinho, as mãos trêmulas, como-vido. A terra caindo, a terra caindo e o caixão desaparecendo lentamente... Perdia um amigo, o único, ganhava um novo mudo compa-nheiro. Discreto...

Pobre criança! Mísera... Já não mais inveja, repousado que está, o repouso eterno dos desaparecidos, dos mortos, seus iguais...

Alonso Pacheco fixava a cruzinha rústica: dois pedaços de velha madeira unidos com um coto de arame enegrecido pela ferrugem... E uma pergunta insistente martelava-lhe o cérebro. Martelava...

E eu, e eu... quando? O descanso, a paz, o sono derradeiro... Quando? ...

Fpolis., 5-2-953.

PACÍFICO

Wanio José de Mattos

De fato, acho que é verdade. Ele me achatou, falando do alto de sua experiência. "Louco é o que perdeu tudo menos a razão". A razão... Ô, diabo! Quase que este carro ia me pegando. Nem parece que estou andando na rua. Até isso esqueço. É, parece que estou doído.

Não sei se tenho a tal coisa chamada razão mas, quanto ao resto, perdi tudo. O diabo daquele homem!... Francamente, eu não tinha vontade nenhuma de ouvir a conversa dêle, mas acabei me impressionando. Naturalmente, eu não queria conversar. Sentei naquela mesa de café por acaso. E quanta coisa ouvi! "O velho Boiteux já dizia: devemos, antes de mais nada, gostar de nós mesmos". "O meio faz o homem, mas é o homem que faz o meio". Assim, êle ia me atirando a sua sabedoria. Nada me preocupou. Mas, aquela história de perder tudo menos a razão, aquela história de loucos... Seria bem melhor eu não ouvir.

Bem, mas onde é que vou agora? Estou andando na rua feito tonto. Não tenho onde ir. Ora, afinal estou aqui para descansar; estou em férias. Portanto... hum... ah! vou me sentar neste banco. Nada melhor que apanhar êste solzinho de inverno.

— Como vai, Pacífico?

— Olá!

Ainda bem que êle não parou. Não estou disposto a ouvir mais conversa. Quando falo, quase sempre sou hipócrita. Tenho que ser, mas agora não posso. Quero ser eu mesmo. Basta de hipocrisia. Se eu pudesse ser como aquêle louco... Onde foi mesmo que o homem leu aquela frase? Ora, esqueci. Não importa. Pra que saber o nome do autor? Pra depois arrotá-lo em citações eruditas? Não, basta, basta de afetação! Tenho que ser eu mesmo, ser como aquêle louco, ou por outra, aquêle hóspede da colônia de doídos. Um coitado que se supunha Pedro II. Se supunha, não: era. De certa forma, era o imperador e não era nenhum coitado. Eu sim, mereço dó.

— Ô, Pacífico, o que é que estás fazendo aí?

— Nada.

— Mas sòzinho, gesticulando?

— Vá pro inferno!

— Que é isso?

— Vai logo!

— Está bem.

— Té logo, diabo!

— Té logo.

Custou a sair, essa peste. Mas fui franco. Sim, agora agi como queria, sem falsidade. Acho que sou capaz. Acho, não. Tenho cer-

teza. Agora, vou ser como o Pedro II da colônia. Ele tinha personalidade. Não representava, vivia. Sim, é isso. Quem perde a razão, não é capaz de representar vários papéis. Alguns podem pensar que ele passa a vida representando um único papel. Mas, não. Os Napoleões qu' há nos hospícios não representam: vivem. Aquêlo Pedro II é realmente um só; é um imperador. O que diz, o que faz, o que demonstra, é a própria vida, é personalidade. E nós...

Nós, que é que fazemos? E eu? Aqui sou um; ali, outro, mais adiante, outro. Pra que? Haverá alguma razão para isso? Não. Isso é a razão. Eu sou, ou melhor, não sou. Represento um aqui, outro ali etc. Perdi tudo, menos a razão. Logo, sou louco.

Não há dúvida, tudo em mim é falso. Até o nome, pois estou sempre fervendo, embora nem sempre tenha coragem de mostrar. E por que não mostrar que o Pacífico não é tão pacífico? Por que? Ora, a razão me leva a desempenhar papéis que não tem razão de ser. Mas não será mais assim. Quero recuperar o que perdi; quero me libertar das malhas da razão e viver, em vez de representar. Sim, haja o que houver, hei de viver, hei de ser eu mesmo. Agora, eu...

Ué! A Isaurinha? Cheguei a esquecer o meu encontro. O que será que vou dizer? Lá vem ela. Bem, vou ser franco. Tenho que ser eu mesmo e dizer o que realmente penso.

— Então, seu Pacífico! Se eu fosse esperar que o senhor aparecesse, ainda estaria lá.

— Calma, deixa eu explicar!

— Pra que? Já sei que esqueceste. É claro que não ias te lembrar de mim. Tens muita coisa mais importante em que pensar.

— Não é isso, Isaurinha. O meu relógio atrasou um pouco, mas eu já ia para lá.

Fpolis., 9-7-53

NEM A MADRUGADA NOS PERTENCE

Geraldo Sobral
Para GENÍ

— Tenho um gesto de ousadia, firme.

— Se ela não abrir a porta, vamos para um hotel. Qualquer um serve.

Ela não me ouve. Asfisiada pelo choro convulso, apenas murmura:

— Como esta vida é miserável, meu Deus...

Tomo-lhe o braço. Acaricio-o e puxo-a de encontro ao meu peito, como que tentando resguardá-la da tempestade que ameaça cair. Ela se aconchega entre meus braços. Braços que nada podem fazer, se não apertá-la. Braços inertes.

A rua está deserta. Ao longe ouve-se o rolar de um carro em disparada. Lúcia soluça. Soluços que me torturam, me aniquilam, me gritam, me chamam á razão. Me chamam de covarde. De besta. De idiota. Olho-a. Esconde o rosto sob as mãos. Tudo parado. Sómente o coração pulsa irrítmico. Parece mesmo querer saltar fóra. Estreito-a ainda mais contra o peito. Sinto a fragilidade de meu abraço. Não pode resolver coisa alguma. As idéias se atropelam no cérebro congestionado. Só sei que a amo. Amo como nunca amei outra mulher em minha vida. Algo que não posso definir; as palavras são frágeis demais para conter o amor que tenho por ela.

Lúcia se afasta um pouco. Apoia-se ao portão, olhos voltados para baixo, espiando não sei o quê. Escavaca, com os pés, qualquer coisa. Lá dentro, no quarto da frente, soltam imprecações. Ouço bem quando uma voz irritada, exclama: "E ela me dizia que não gostava dele. Essa cínica". Uma janela se entreabre e uma cabeça salta fóra. É a "velha". Numa voz estertorada pelo ciúme, grita, como se quizesse fazer-se ouvir por todo mundo:

— Se está sêca por homem, porque não "trepá" aí mesmo?

A janela se fecha. Palavrões se perdem no aposento, atravessam as frinchas e chegam aos meus ouvidos.

Ficamos assim, sem dizer nada um ao outro, durante mais de dez minutos. Nesse interim, retiro o lenço do bolso e enxugo-lhe as lágrimas. Os resmungos lá dentro do quarto continuam insistentes, martelando a mesma técla. A "velha" não quer se conformar.

Tento falar. Dizer qualquer coisa, mas as palavras saem trunçadas. E a frase desconexa. Lúcia não nota. Está mergulhada numa cisma invulgar. E, como se uma idéia irrompesse no caos de seu cérebro, ela se volta para mim e diz bem alto, para que a outra a que se acha no quarto, a ouça:

— Eu não vou com você para Tambaú, não...

Mas tudo em vão. As lágrimas voltam a descer sobre suas faces.

Ela não acredita que as palavras possam modificar o pensamento da "velha".

Perco a noção do tempo e das cousas. Vejo tão sómente Lúcia. Lúcia com lágrimas nos olhos, chorando. E, eu ali, bem junto dela, segurando-lhe o braço, sem forças para fazer nada. Os minutos correm. Fomos tolhidos pelo imprevisto. Faltou-nos presença de espirito. Resta-nos... Resta-nos o que? Se a velha puzer Lúcia para fóra de casa, que farei? Onde buscar dinheiro para sustentá-la? Uma nevoa acizentada tolda-me o pensamento. Inutilmente tento concatenar as idéias. Repito a afirmação, um tanto sem convicção.

— Se ela lhe botar de casa prá fóra, você vai para uma *pensão*.

— Que *pensão*?

Olho-a bestificado. Não esperava pergunta nenhuma. Assentimento, vá lá.

— Qualquer uma... A "Republica"... qualquer uma...

É preciso fazer alguma cousa, seja o que fôr. Ficar parado ali, alisando o braço de Lúcia é que não é possível. Lúcia teme entrar em casa. A expectativa de acontecimentos funestos nos deixa sem palavras e sem ação. Esperando. Esperando algo indefinível. Um outro imprevisto, talvez, que nos venha tirar daquele estado.

Alguns rumores lá dentro da casa, a porta se abre com estrepido. O silêncio se torna maior e opressivo. Lúcia não mais soluça. Aguardamos, com ansiedade, o que a outra nos vai dizer. Uma gatinha mia um miado triste, escorregando entra as pernas da "velha" seu corpo coleante e aveludado. A figura da mulher, cabelos assanhados, mãos aos quartos, fazendo face á luz da sala, parece a de uma bruxa de histórias em quadrinho. Decorre um minuto ou uma eternidade? Que sei eu?

— Não vem, não? Vou fechar a porta...

E antes que as palavras se percam no ar, a porta se fecha com ruído.

O apito do guarda-noturno se faz ouvir, cortando o silêncio que se seguira. As nossas respirações contidas se desatam ofegantes. Não sei mesmo o que dizer. Quero confortá-la; afirmar mais uma vez o meu amor. Inútil. Enfio as mãos nos bolsos procurando realizar pelo menos um gesto. É constrangedora a situação.

Sem outra alternativa deixo escorrer o tempo. A agitação em que nos achamos há-de passar, dentro em pouco. Não temo perder o último transporte que me levará ao quarto, lá no outro lado da cidade. Nem sequer penso onde me encontro.

Enlaço-a novamente. E vem aquela inspiração.

— Diga a ela que gosta de mim. Diga. E que vá tudo para a merda! Não interessa mais nada. Ela já viu... Que se dane tudo!

As palavras saem torrencialmente, como as aguas de um rio na enchente.

— Diga que gosta de mim e que eu gosto de você. Que não quero saber mais desta “velha” imunda. Diga.

Ela parece que não me ouve. Absorta, olhos fixos no céu pontilhado de estrelas. De repente me fita. Uma tristeza infinita se estampa no seu olhar. Tristeza que nunca ví em mulher alguma. As mãos nervosas arranham a madeira do portão. As lágrimas ainda molham suas faces.

— Tenho vergonha de entrar e você ouvir o que ela vai me dizer. Vai me chamar de tanto nome feio...

— Eu já não disse? Mande tudo prá merda. E diga que gosta de mim. É o essencial...

Novamente o apito do guarda espanta o silêncio, já mais próximo. Vislumbro, na semi-obscuridade da rua, o homem encapotado que caminha vagorosamente, morto de sono. Seu andar pausado, como que medindo os passos, faz-me lembrar meu pái, cuja morte ocorreu há tanto tempo. Vejo-o, ali, austero, com gestos rápidos, dando-me conselhos e passeando com passos bem medidos na sala de jantar. Seu olhar, geralmente vivo, é duro e cáe sobre mim feito uma baía. Morreu. E isso basta. Com sua morte se foram todos os meus sonhos. A miséria abate-se sobre os magros ombros de minha mãe. E sobre os meus, também. A visão foi rápida. Lucia está a chorar.

Alguém abre a porta. Talvez a “velha”. Lucia não se mexe. Lampeja-me idéias malucas. A impotencia de solver o caso que se me depara no momento, me leva a pensar no suicídio como forma de solução. Suicidar-me e deixá-la? Porque e para que? Ou o suicídio mutuo? Abandono a idéia. É melhor o tempo correr. Talvez com a sucessão dos dias, venha tudo a se encaixar como eu quero. O mundo dá tantas voltas...

— Ou entra ou acaba com essa safadeza no meio da rua.

O tom da voz do guarda é ríspido. Contundente mesmo. Olho-o apalermado. Parado, com um pé sobre a ponta da calçada, e o cacetete balouçando-lhe na mão direita, o vigilante nos espia. Seu olhar deve ser duro como as palavras que proferiu.

— Isso não dá certo, não. São duas horas da madrugada... Vamos acabar logo com isso ou prendo todos dois.

Não dou uma palavra, estarecido com o autoritarismo. Lucia pega-me na mão e balucia um adeus, precipitando-se para a varanda da casa. Lentamente desço a calçada sob as vistas do guarda. O ruído da porta que se fecha perde-se dentro da noite. Alcanço dentro em pouco a esquina. Puxo um cigarro do bolso, acendo-o e fico imobilizado, junto ao poste. O vigilante retornou, passa por mim, mira-me do alto a baixo e prossegue na sua caminhada.

O silêncio da cidade adormecida é grande. E veem-me á mente os versos de Neruda: “Oír la noche inmensa, más inmensa sin ella...”

João Pessoa, 27-10-52

TERRA QUENTE

Trecho de Novela de Alexandre Cabral

Tiago encontrava-se na fazenda havia uns escassos meses. Habi-tuara-se, finalmente, à vida de negro que é a existência do branco no interior. A saudade da terra distante dissolvia-se na temperatura cálida dos trópicos e na ambição que escondera no peito ao abandonar a aldeia natal. O capitão do Synkin, ao anunciar a chegada do De-voes a K, fizera-lhe nascer a certeza de que um dia poderia vir a ser dono de uma propriedade como a do tio. Além disso, tinha consigo aquele segredo das pedras que era o estrume onde aboborava a sua confiança no futuro.

Guardava na retina a cor e os contornos, como uma oleografia vista na primeira infância, da cena passada no interior da selva. Es-tava fatigado de guiar o Ford e parara no meio da campina para des-cançar. Bebera um golo de whisky. O criado meteu à boca, por seu turno, a garrafa do alcool. Depois ficaram assim, próximos e distan-ciados ao mesmo tempo, porque cada um vivia, nesse momento, num mundo diferente.

Espalhava-se pela terra imensa um socego tranquilo. Parecia que a natureza permanecia na mesma quietude do começo da cria-ção. Era a imagem viva de uma terra morta. Um abandono absoluto, uma solidão de estoirar com os nervos do homem mais corajoso. Só o negro compreende e ama a tranquilidade da selva e o branco tolera-a graças ao whisky que lhe dá desse mundo uma visão falsa.

De tempos a tempos, uma tua voava no céu azul perdida das companheiras. E as formigas, um bicho teimoso, formavam um car-reiro infundável sobre a terra árida — traço negro e movediço falan-do da vida que não existia ali.

De súbito, a paisagem sofreu uma metamorfose estranha. Tudo continuava como até então, salvo a silhueta longínqua que se aproxi-mava. E tudo ganhou, com a presença inesperada, um movimento e uma humanidade que, de fato, não existiam.

Passou-se uma eternidade — tempo que o relógio dos brancos não marca. Entretanto, o homem aproximava-se sempre. Tiago pou-de admirar, a dada altura, a aparição. Tratava-se, pelos vistos, de ca-çador solitário: um negro espadaudo vomitado pelas profundezas da terra africana. Empunhava uma espingarda de cerca de dois me-tros e tão enferrujada que sugeria a idéia de que estivera enterrada dois milénios com o seu possuidor. Era, evidentemente, o primeiro fusil construído pelas mãos incipientes mas atrevidas do homem. Trazia o corpo nu como no paraíso. Contudo, em vez da folha de parra, o indígena para cobrir o mesmo órgão que o púdico Adão, usava uma faixa de pano atada à cintura. No lado esquerdo brilha-

va a lâmina de faca rudimentar que se vincava na carne negra e ao ombro via-se pequena trouxa onde guardava o alimento, fósforo e munições. Por todo o corpo, os caracteres enigmáticos da tatuagem — uma lição deixada pelos antepassados e que os progenitores lhe gravaram no corpo, quando criança, para a posteridade.

O criado falou-lhe:

— Vais caçar, irmão?

— Anh! anh!

— O quê? — perguntou Tiago.

— Pacaça ou veado.

O branco admirou-se.

— Com essa arma!

Os olhos do indígena brilharam de satisfação.

— Não falho um tiro.

Tiago quiz saber como obtinha o explosivo. O caçador explicou. Pólvora não aparece. Ele preparava um pedacinho de lata e esmagava no interior umas tantas cabeças de fósforo. Os de fabricação belga, os **Union Match**, eram excelentes. Encarrapitava-se numa árvore, junto da ribeira, e esperava que os bichos viessem beber pela madrugada.

O europeu tirou da carrinha uma lata de pólvora.

— Isto é que é bom!

O negro agarrou avidamente no objeto. Deu-lhe inúmeras voltas, mergulhou os olhos nas letras estampadas na folha de Flandres e falou:

— Ah! isto é muito bom. Ah! é da terra do branco.

— Queres comprar? — perguntou o companheiro de Tiago.

Dava a vida por uma latinha daquelas. De repente, propôs:

— Troco! Se quizeres, branco, troco por umas pedras que tenho.

Amanhã estou aqui com elas.

Falava com uma vivacidade de louco.

— Pedras, branco! Pedras!

O criado esbugalhou os olhos.

— Pedras! Tens pedras? (e num grito de alegria) Patrão, pedras!

Tiago, sem compreender o entusiasmo do empregado, repetiu:

— Pedras!

— Sim, patrão Tiago, pedras!

— São muito bonitas, branco.

— São lindas — repetia o criado.

O rapaz não percebia. Ou os nativos estavam doidos ou então queriam enganá-lo. Mas o rapaz de cor insistia:

— São lindas!

E explicava-lhe que os brancos se matavam por causa dessa mercadoria.

Esperou até ao outro dia. E fez a transação.

Era um segredo que o mñava, que lhe punha a cabeça febril. Ou deixava o tio ou tinha de lhe dizer a verdade. Calar-se é que não podia. Mas o segredo era dele e não o diria a ninguém. O melhor que tinha a fazer era abandonar a herdade. Tinha uma experiência do interior que representava uma ferramenta muito útil.

Mal suspeitava, porém, que os seus desejos fossem satisfeitos tão rapidamente e de que maneira. Afonso era uma águia atenta a todos os movimentos da vítima.

Nesse dia chegou à fazenda noite fechada. O tio estava na casa grande, embriagado, a cabeça sobre a mesa, desfalecido, como se o barracão novo se tivesse desmoronado. Deu as boas-noites. O fazendeiro lançou-lhe uns olhos sinistros, levantou-se, cambaleando, e apoiado às costas da cadeira, falou:

— Chegaste ?

Baixou a cabeça como se o peso do álcool a fizesse pender. A luz bruxoleante do candieiro de pressão tingia tudo de tons amarelados. Tiago sentiu um calafrio, como se o tempo das chuvas tivesse chegado, de súbito. Apercebeu-se de que a negra não estava na sala. E uma má disposição tomou-lhe o corpo ao saber-se sózinho com o bêbado.

— Que há tí ?

— Temos quã falar.

O rapaz esperou longos minutos pela explicação. Um silêncio medonho envolveu os dois homens. Nenhum ruído vinha do exterior, como se o patrão tivesse mandado embora todo o pessoal. A fazenda, na realidade, parecia deserta. De repente, Afonso retirou do bolso um frasco que servira a compota e interrogou com voz terrível:

— De quem é isto ?

A mão tremia, segurando o recipiente. Umhas pedras irregulares, de estranho brilho, enchiam-no até metade. Tiago teve um movimento de espanto.

— Isso é meu. São os diamantes .

E lançou-se sobre o corpo do parente. Este, como se esperasse aquela reação, desviou-se rapidamente, escondeu o vidro atrás das costas enquanto a mão livre percorria atabalhoadamente o tampo da mesa. Aos olhos aterrorizados de Tiago surgiram as correias que o patrão utilizava para castigar os indígenas.

— É meu — silabou Afonso com desprezo. Então você tem aqui alguma coisa sua ? (a voz do branco ganhou uma estridência aguda que dilacerou as carnes do rapaz). Com que dinheiro é que compraste estes diamantes ? Foi a pólvora ! Estas terras são minhas e tudo que aqui está é meu. Miserável ! Traidor !

Uma expressão de ódio vincou os músculos da face de Tiago.

— Tio, dê-me esse frasco. É meu. Não quero mais trabalhar consigo. Amanhã vou-me embora, mas hei-de levar essas pedras, que são

minhas. Nem que saia daqui com as mãos tintas de sangue. Ouviu? Ouviu?

A esta ameaça Afonso apertou o punho do chicote. Cortou, porém, a arenga do sobrinho com uma gargalhada sinistra.

— Então, julgas que me assustas, não? (mudando de tom) Onde encontraste isto? A quem compraste?

Ante o silêncio do rapaz continuou exasperado:

— Fala, bicho! Tu não és filho da minha irmã.

— Ladrão!

A este insulto a mão de Afonso levantou-se rapidamente e as correias estalaram. Um grito de dôr morreu no meio dos estalidos sibilantes, consecutivos. Instintos de canibal rebentaram-lhe no peito. E sovou desalmadamente. Tiago esquivava-se como podia e tentava segurar o agressor. Estava certo que na luta de corpo-a-corpo o venceria. Mas o fazendeiro fintava-o com uma habilidade espantosa para o seu estado de embriaguês. A correia, a dada altura, tocou no candieiro. Este oscilou na gancheta e a luz apagou-se. Afonso continuou a brandir às cegas o chicote, furioso. A louça que estava no aparador preparada para o jantar tombou no chão com ruído. Finalmente o rapaz conseguira o seu intento. Tinha-o nas mãos. Esmurrou-o com raiva. E repetia, alucinadamente:

— Ladrão!... Ladrão!

Umhas garras apertaram o pescoço do patife. Uma cadeira caiu e os dois homens rolaram pelo chão numa luta desesperada. Num movimento desastrado a cara de Tiago roçou por um estilhaço de vidro ferindo-o como traço de navalha. A voz surda de Afonso soou então na noite:

— Kingala!... Pièrre!... Ki...

As mãos apertaram mais a garganta. Sufocava. Sentia os braços bambos e a força extinguia-se-lhe do corpo.

Entretanto, outras pessoas moviam-se já dentro de casa. A Fula procurava reacender o candieiro. E os dois criados, Kigala e Pièrre, que suspeitaram haver barulho nessa noite, estavam ali prontos para intervir. A luz surgiu, por fim. A negra com o candieiro à altura dos olhos alumiaava o aposento em desordem e os dois contendores que continuavam a lutar no meio da loja partida. Os nativos seguraram difficilmente Tiago.

Afonso levantou-se tresloucado como se a bebedeira estivesse agora a alterar-lhe o pensamento. Passou a mão pela cara e pelos cabelos revoltos. Assou o pingo do nariz à manga do casaco.

— Agarra esse macaco, Kigala. Assim! Assim!

Abaixou-se para apanhar o chicote. Depois, perante os olhos esbugalhados dos indígenas, atirou a primeira pancada com um rugido monstruoso. Outra. Outra. O sangue escorria abundante dos sulcos abertos na cara do sobrinho. E Afonso continuava a manejar as cor-

reias com violência, que aquele sangue era alcool a satisfazer-lhe o vício. Kigala e Pièrre afastaram-se, em dado momento, que na sua cegueira o patrão vergastava-os também. Então, o corpo de Tiago, perdido o apoio, caiu desamparado no sobrado. Estava como morto.

Os negros ficaram espedrados no mesmo sítio, fulminados pelo estupor. Por um momento ninguém se mexeu como se a indecisão lhes tolhesse os movimentos. A Fula continuava com o candieiro de petróleo na mão, uma expressão de pavor moldada no rosto. E Afonso olhava as coisas desvairado, como se se apercebesse da sua perversidade.

Depois, com uma calma sinistra falou:

— Ajuda aqui, Kigala.

Pegaram no corpo inanimado, levaram-no para o quarto e depuzeram-no em cima da cama.

— Lava a cara do branco com água quente — disse para a Fula.

E regressou à casa de jantar para procurar o frasco com os diamantes.



A Farinhada — Painel de Martinho de Haro.

FATOS DA HISTÓRIA POPULAR DO RECIFE (VALENTES E VALENTÕES)

DORALÉCIO SOARES

No Brasil, como em todos os demais países do mundo, são contadas inúmeras histórias de "coragem e de valentia". Casos individuais e também de grupos de homens. Algumas são verídicas; outras, entretanto, são fictícias. Mesmo assim, não deixando de ter a sua origem na costumeira frase "ouvi dizer" que, quasi sempre, tem o seu curho de verdadeiro, porém, com a maioria dos fatos já modificados pelas transformações que vêm sofrendo de boca em boca.

No Brasil, existem centenas de casos verdadeiros e fictícios, de "valentes e valentões" cá da terra. (Valentes, são os que enfrentam o perigo; valentões, são os que torturam e matam os indefesos e fogem na hora do perigo). Um dos Estados do Brasil, que goza da maior fama de possuir "valentes" e "valentões", é Pernambuco. Daí o dizer-se, erradamente, que todo pernambucano é valente. Bem: A finalidade deste artigo não é dizer se o pernambucano é ou não "valente", mas, sim, contar vários casos que originaram esta versão.

Em quasi todos os Estados, cidades e lugarejos (zonas) do Brasil, houve época em que predominavam as rivalidades sempre constantes. Formavam-se grupos de "valentões" que desafiavam os de outras zonas, por um motivo qualquer, a medirem forças; até mortes havia nesses encontros. O criminoso ou criminosos se refugiavam em lugares, quasi sempre protegidos por um "maioral" da zona e nem a polícia o arrancava de lá. Qual o vovô de hoje que não nos conta casos de "valentões" de sua época. Felizmente, o nosso povo evoluiu, educou-se, e o último remanescente do grupo dos "valentões", desapareceu com a cabeça do Lampeão fora do corpo. Os "valentes", soldados da polícia, da Força Policial de Alagoas o liquidou.

Em Pernambuco, notadamente no Recife de há 40 anos passados, os "valentões" eram inúmeros e os "valentes" não eram menos.

O mais falado dos "valentes", era um tal Nascimento Grande, com 1 metro e 90 de altura e uma bengala que pesava dois quilos. Morreu com mais de 80 anos e de "morte morrida", pois não houve outro "valente" que o matasse e aí, então, seria "morte matada", no dizer da gíria local da "valentia".

Antes do Governo de Dantas Barreto, o número de "valentes" e "valentões" era tal que, se a pessoa, na rua, tossice, não escarrava, porque logo pulava um elemento e, de faca em punho, gritava: — "Vocês tosse, nas não escarra, cabra da peste, senão vai servir de bainha para a minha faca". Tossir e escarrar, era desafio desfeita: "Te escarro na cara, peste"

Eram comuns as brigas à faca em corpo à corpo, até um ficar "esticado" pra sempre. A polícia ficava de longe, à espreita, não para prender o criminoso, mas para retirar o morto; e quando tentavam levar o "mata-dor" era preciso ser "polícia valente" mesmo, pois até o "rabo de galo" dos policiais o "valente" quebrava e terminavam abandonando a presa

que se refugiava em lugar seguro. (Rabo de galo, éra uma espécie de esgrada com uma ligeira curvatura de "barriga pra fora").

Era comum, quando saia à rua uma banda de música qualquer, se reunir, acompanhando a mesma, uma grande turma de desordeiros. Pulavam, desordenadamente, ao som da orquestra. Isto era feito na frente da "briosa". Ali, cada qual exhibia a sua melhor "faca de ponta", "bengala com estoque", "peixeira", "faca americana", navalhas, etc. Contam que numa dessas exhibições de música e desordeiros, ia junto à turba um preto retinto, com uma bellissima "lambedeira", (faca peixeira), reluzindo ao sol. Perto d'êle, ninguém ousava aproximar-se; estava sugeito a guardá-la na barriga. Um, entretanto, resolveu terminar com aquele exhibitionismo do moleque. De porrete na mão, esperou uma oportunidade e ella apareceu. Aproxima-se uma esquina; êle adiantou-se, alcançando-a e guardou a passagem do preto, que, ao desembocar, recebeu uma vastíssima porretada e outra "em cima da queda". O atacante desapareceu no meio da turba, que indifferente, continuava aos pulos de expansão alegre e desordenada.

Um célebre "valentão" ficou cognominado de "Corre hoje", depois do fato que irei relatar.

A fama do "valente" Nascimento Grande era tamanha, que, certã ocasião, foi desafiado por um "valentão", sem que o mesmo soubesse que era o tal, o Nascimento Grande. Por um motivo qualquer, creio mesmo que não gostando do "tamanho" e da cara do Nascimento, o desafiou e investiu contra êle de faca em punho. O Nascimento, vendo a afoiteza do agressor, não lhe deu confiança. E dizem que, se defendendo, dizia: "vai-te ora lá menino", espantando o mesmo com a sua célebre bengala. Incontinentemente passa o trem e alguém grita: "Tu tá loco, rapaz, êste é o Nascimento Grande". Ao ouvir soar o nome do "valente" o atacante desabou numa correria danada, daí ficando o alcunha de "Corre hoje" e, mesmo assim, orgulhoso de ter lutado com o Nascimento Grande, por durante quasi meia hora.

Era comum o pai dizer: "Filho meu que entrar em casa apanhado, leva outra surra pur cima". Daí, também, se dizer que pernambucano "tanto briga, como corre" porque na voz de chegar "em casa e levar outra surra" é preferível correr para não apanhar duas vêzes. As brigas dos "valentes" e "valentões" inspiravam os cantadores e os repentistas e inúmeras eram as rimas que enalteciam a coragem e a valentia dos "bichões". ("bichão" — homem forte, disposto pra luta. "Bichinha": diminutivo de "bichão", palavra empregada carinhosamente quando se mimma uma criança).

Entre ellas, de autores diversos, apresento algumas.

Chegando no meio do grupo o "valentão" lança o seu desafio:

"Aqui hoje apanha
seja quem for;
até um doutor,
perde a façanha de cartador".

O que aceitou a parada responde:

"Tu não dás em ninguém
porque tens língua rombuda,
Vais pegar no pêso,
sabendo que não te ajudas".
Depois terminas apanhando,
não há quem te acuda".

Lançado o desafio e rebatido o mesmo, cada qual procura elevar a sua coragem, verificando a sua valentia. E respondendo dizem:

"Tu queres que eu faça contigo,
como fiz com Zé Timbu". (Gambá)

Da suíra rasguei-lhe a roupa,
deixei logo o cabra nu.
Ficou lá no meio do campo,
quem comeu foi o urubú".

O ofendido responde ao desafiado:

"E tu queres que eu faça contigo
o que fiz com Zé Firino
que era alto, ficou baixo;
era grosso ficou fino.
Da meia noite prô dia,
chorava que só menino".

Estes detalhes improvisados levavam dias, e, às vêztes semanas. Em torno dos cantadores se juntavam elementos de todos os tipos, e surgiam as apostas, e quasi sempre, terminava em "pauleira", e, quando não havia morte, não terminava bem.

Essas histórias dos cantadores de desafio, em que eram empregados os "duelos e matelões de palavras", eu tratarei em outro artigo, cujo título será "Cantadores repentistas do Nordeste". Digo "Nordeste" porque os repentistas não pertencem só a Pernambuco, e sim a todos os Estados do Nordeste, sendo que os mais famosos são os de Alagoas.

Diz o ditado que "todo o valentão tem o seu dia". De certa feita, por motivo de somenos importância, dois "valentes" famosos se extranharam e para valorizar mais a "mistura de sangue" e tornar mais pitoresca a briga, dizem que um era mulato e o outro branco.

Num ajuntamento qualquer a "faca comeu"; e como a turma não estava disposta a "ver sangue"... "desapartou-os" à pau (cacete), porque "faca só respeita cacete".

Mas, o mulato disse pro outro:

"Cabra; no dia em que te encontrar sôsinho, boto tuas tripas pra fora da barriga".

Passaram-se os tempos e num certo dia o encontro é dado. Puxando da peixeira o mulato investe sobre o adversário. Mas notando que o mesmo estava desarmado, (coisa rara entre êles), puxa de uma segunda faca e jogando-a para o adversário que a apanhou no ar, se expressou:

"Defende-te cabra, que eu vou te matar".

A luta foi travada. A luta de homem pra homem, golpe contra golpe, após uma hora de briga, ambos estavam retalhados, pois a faca de "valente" corta dos dois lados. Golpe mortal, entretanto, não havia.

O ajuntamento era grande. Ninguém se atrevia a separá-los. O destino dos dois estava traçado: Morrer ou matar.

Do local onde haviam iniciado a luta, já haviam caminhado quasi um quilômetro no "vai e vem".

A polícia também estava lá. Separar não interessava; que se matassem. Era um "valente" de menos ou dois, pois o que sobrasse não era homem mais pra briga, tal o estado em que ambos se encontravam.

Num dado momento, o branco "falseou" e o mulato enterrou-lhe a "peixeira" até o cabo no "pé do pente" (abaixo do umbigo), com esta expressão: "eu não disse que te matava, cabra".

A polícia cumpriu com a sua obrigação. Enterrou um e deu o destino que o outro requeria.

"O pau bateu no meio da feira,
levantou poeira.

A bananeira é de alagadiço,
você diz isso,
de brincadeira.

Meto-lhe a madeira.
quebro-lhe a viola,
o que me consola
é te ver um dia,
de vara e guia
pedindo esmola.

O governador Dantas Barreto, entrou no Governo de 1911, na época do voto de comadre e analfabeto, e de defunto, mas a quem Pernambuco deve assinalados serviços. Homem "valente" e de grande tirocinio administrativo, fez uma "limpa" dentro do Recife, livrando-o quasi que totalmente dos "desordeiros", "valentes" e "valentões". Um dos seus atos para pôr fim a essa turba, foi armar os soldados de polícia de "NAGAN" revolver 38, cano longo, e substituir o célebre "rabo de galo" por sabres.

Deu-se início, no seu governo, ao combate a toda a desordem praticada pelos "valentes" e "valentões" da época. A ordem, para a "poliçada" era: Resistiu à prisão; bala.

Mesmo assim foi com custo e aos poucos que foram se tornando menos "valentes" os então "valentes" e "valentões".

Em muitos casos, quando a polícia chegava era para enterrar o "morto ou mortos".

Sendo, entretanto, responsáveis por muitos assassinatos e "proteção" aos criminosos, os políticos da época, que eram senhores de grandes latifúndios e engenhos, no interior do Estado, despachavam prá lá os seus afilhados.

Conta-se que em certa ocasião foi feito um cerco num "desordeiro" que havia morto um, a mandado de um político de destaque.

Escapou e como sempre "desapareceu" da zona. Mas ainda estava "quente" o crime e êle voltou, sendo reconhecido. O polícia "puxando" do sabre, encostou-o na barriga do "bicho", com estas palavras: "Ou te rendes ou morres, "cabra". Vendo-se perdido, pois não havia saída, dizem que foi de encontro a uma porta. O "valente" gritou: "Firme com o sabre, seu praça". E se "enfiou" pelo sabre a dentro, e apunhalou o polícia no coração, cumprindo-se, assim, cada um o seu destino.

Essas são algumas das reminiscências de Pernambuco, há quarenta anos.

C. CONSTRUTORA CIVITAS

RESPONSÁVEL TÉCNICO:

Arquiteto: VALMY BITTENCOURT

PROJETOS — CONSTRUÇÕES — LOTEAMENTOS

Escritório: Rua Felipe Schmidt, n. 18 (Sobrado) — Tel. 3.159



A Farinhada — Painel de Martinho de Haro.

NOTAS & COMENTÁRIOS

CINEMA NACIONAL

O cinema nacional atravessa presentemente sua segunda fase de vida. Já tivemos ocasião de dizer, e o repetimos agora, que o nosso cinema divide-se em duas fases distintas: A C e D. C — antes e depois de Calvacanti — fases essas devidamente caracterizadas, sendo o marco de separação a chegada de Calvacanti ao Brasil e a produção de seu primeiro filme aqui.

Antes, o nível de nossas películas era bastante baixo. Os produtores só nos brindavam com comédias musicarnavalescas, algumas peças teatrais muito mal filmadas e um ou outro filme que descambava quase sempre para o terreno do drama-lhão. Tênicamente as fitas não tinham qualificativo. Pésimas fotografia e montagem, e até o som sem sincronização. Eram raras as películas que se sobressaíam, isto é, as menos ruins.

Com a vinda de Calvacanti, fomos beneficiados com técnicos de capacidade reconhecida — Chick Fowler e Oswaldy Heffenrichter por exemplo — que deram uma melhor feição aos filmes então realizados. Indiscutivelmente, tivemos fotografia e montagem. Foi o primeiro impulso. Surgiu "Calcara" — produção de Calvacanti — que, não sendo uma obra prima, até com grandes falhas apontadas pela crítica, apresentou uma grande melhoria técnica, e podemos dizer, a primeira realização de carácter sério. Daí, estabeleceu-se um princípio de industria cinematográfica em São Paulo, surgindo novos filmes onde fomos atingindo um nível técnico aceitável, culminando em "Cangaceiro" de Lima Barreto.

Foi esse o início da segunda fase do nosso cinema; tivemos acima de tudo, uma produção regular.

Paralelamente, contudo, continuaram as revistas carnavalescas e a falta de argumento — de argumentistas, é o mais acertado. Vemos, diariamente histórias absurdas levadas a tela e à outras aceitáveis, não é dado o devido tratamento cinematográfico.

Apesar do progresso notório que marca essa nossa segunda fase, ainda lamentamos o que pode ser denominado de "falha imigração": os cineastas que para aqui vieram, amparados pela ânsia de evolu-

ção de nossas produtoras, e nada realizaram; nada que suplantasse o já existente. Nos referimos a um grupo de senhores, ostentadores de 'diplomas' acadêmicos de teatro e cinema europeu, que em São Paulo principalmente, trabalham dentro de um clima técnico já alcançado, batendo nas mesmas velhas e cansadas teclas usadas pelos nossos diretores medíocres. Essa é uma das grandes falhas da face evolutiva do cinema nacional.

A outra repetimos — pois nunca é demais — é a falta de conteúdo, de argumentistas que queiram e saibam aproveitar coisas nossas dignas de figurarem no cinema, coisas que clamam por uma câmara e que com um tratamento adequado dariam, senão obras primas, pelo menos filmes interessantes para nós e para o exterior. Acreditamos que o grande êxito de "Cangaceiro" em Cannes, a par de sua beleza plástica, tenha sido a originalidade do assunto e da música, ambas quase que totalmente desconhecidas para os europeus. Eis um bom exemplo a ser seguido por aqueles que querem, realmente, fazer cinema no Brasil.

G. R. C.

FESTIVAL DE FILMES FRANCESES

O CLUBE DE CINEMA DE FLORIANÓPOLIS realizou em princípios do mês de julho um Festival de Filmes Franceses, com o intuito de reunir seus antigos e novos associados, iniciando assim uma nova fase de reorganização, visto que, de há muito não realizava reuniões devido a falta de filmes.

Por intermédio da Associação de Cultura Franco-Brasileira de Porto Alegre, foram apresentados no Festival três filmes de longa metragem e documentários, na seguinte ordem:

Dia 1º — "A charrette fantôme" (La charrette fantôme) realização de Julien Duvivier interpretada por Pierre Fresnay e Louis Jouvet, o documentário de Jean Aurel "L'Affaire Manet" da série de filmes sobre arte plástica.

Dia 6 — "Cais das brumas" (Quai des brumes) filme de Marcel Carné com Jean Gabin, Michelle Morgan, Michelle Simon e Pierre Brasseur, e o documentário "Van Gogh".

Dia 10 — "O homem e a serra" (Premier de cordée) de Louis Daquin realizado no Mont-Blanc, e "Bateau Ivre" documentário em torno do poema de Rimbaud, declamado por Jean-Louis Barraud.

As sessões alcançaram pleno êxito em face da grande afluência ao salão do C. R. 15 de Novembro, onde foram realizadas. O Clube de Cinema de Florianópolis pôde assim fazer um pequeno balanço das possibilidades numérica e financeira para continuação de suas reuniões.

Estamos seguramente informados do intercâmbio reiniciado pelo Clube com outras sociedades congêneres e distribuidoras, para garantia de novos filmes a serem apresentados.

Desejamos ao Clube de Cinema de Florianópolis felicidades no seu empreendimento. Queremos ver dentro em breve o Clube vivendo regularmente. (GRC)

O CLUBE DE GRAVURA DE S. PAULO E ITAJAHY MARTINS

Embora mais conhecidos os de Pôrto Alegre e Bagé, outros Clubes de Gravura tem surgido pelo Brasil, sendo de destacar os de Santos e São Paulo. No de Santos uma das figuras mais importantes é Mário Gruber que é muito justamente considerado um dos melhores gravadores do Brasil. O de São Paulo é mais novo, mas nem por isso é menos importante a tarefa que vem realizando. A gravura, pela sua maior possibilidade de divulgação, tem uma penetração maior, nem por isto sendo, como querem alguns, um ramo menor das artes plásticas. Em arte não existem ramos maiores ou menores. Existe boa e má arte.

Fundado em 1952, o Clube de Gravura de São Paulo, tem editado mensalmente suas gravuras, podendo-se citar as de Clovis Graciano, Potl, Renina Katz, Manuel Martins, Itajahy Martins, etc. Fundado por um grupo de artistas radicados em São Paulo como Clovis Graciano, Manuel Martins, Renina Katz, Itajahy Martins, Luiz Ventura e Tereza Nicolau, já outros elementos, inclusive novos além de nomes firmados, tem colaborado para o renome do Clube.

Atualmente o Clube de Gravura se encontra em preparativos para a organiza-

ção de uma grande exposição coletiva de gravadores brasileiros.

Elemento destacado do Clube de Gravura de São Paulo é Itajahy Feltosa Martins, nascido em Botucatu em 13 de dezembro de 1927. Pintor e gravador, embora tivesse frequentado alguns cursos esparsos é o que se pode considerar um autodidata. Trabalhou alguns meses em xilogravura, com o Professor Adolfo Boller. Colabora em diversos jornais e revistas, como ilustrador e caricaturista. Itajahy faz parte da nova geração de artistas na qual se destacam, entre outros, nomes como Otávio Araújo, Renina Katz, Mário Gruber...

Membro fundador do Clube de Gravuras de São Paulo, pertence à diretoria da Associação Paulista de Desenhistas. Realizou no mês de março uma exposição individual em São Paulo, que foi bem recebida pela crítica e público. Itajahy é um destes artistas conscientes que tem confiança numa arte de forma nacional e conteúdo popular, capaz de ser compreendida por muitos, de auxiliar à maioria e de não ser apenas para um grupinho de privilegiados.

'PORTO DE SANTOS', a linoleogravura de Itajahy Martins que damos neste número, dá uma idéia das possibilidades deste jovem, sem dúvida um dos melhores gravadores da nova geração. E seguindo no rumo que se traçou, tem sempre presente o que dizia Mário de Andrade de que "toda arte é essencialmente combativa", de que "a arte não é nem pode ser um brinquedo, uma distração, um games e inconsequente divertimento. Toda arte é essencialmente uma forma de combate", muito contribuirá para uma melhor visão e participação dos artistas na vida da coletividade.

S. M.

V. PUDOVKIN

Com a morte de V. Pudovkin perde a cinematografia mundial um dos seus maiores vultos. Aos poucos vão se indo os pioneiros do cinema, os que lhe deram uma linguagem própria.

O diretor de "A Mãe" (filme baseado no livro de Máximo Gorki), de "Tempestade sobre a Ásia" e outros, formava com Eisenstein e Kulechov a trindade máxi-

ma do cinema soviético, de onde partiram ensinamentos não só para uma grande escola de cineastas da URSS, mas de todo o mundo.

Ainda agora, quando da reapresentação de "Tempestade sobre a Ásia" às platéias da Europa, são unânimes os críticos em considerarem esta obra uma das mais importantes e representativas do cinema.

Vindo da fase aurea do cinema mudo, Pudovkin soube bem compreender a importância do som no cinema, e do acompanhamento musical, bem como os seus exageros e despropósitos. E, na devida medida, soube utilizar o elemento sonoro, como valorizar e complemento que deve ser.

Aliás o mesmo se deu com Eisenstein, que depois da fase do mudo empregou o som, tendo inclusive se valido para o acompanhamento musical de partituras de grandes compositores, como, por exemplo, Procofiev, também falecido há meses, cuja partitura para "Ivan, o Terrível" é considerada das mais importantes contribuições da música ao cinema.

Além de seus filmes, de diretor, Pu-



O escultor Bruno Giorgi num desenho de Nereu Góss.

dovkin foi também ator e teórico, sendo de se destacar o livro "O Ator no Cinema" (1929), recentemente traduzido para o português numa edição da Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil. All são debatidos e analisados múltiplos aspectos referentes à interpretação, bem como outros que de qualquer maneira toquem no assunto. Ainda hoje muitas de suas lições são atuais.

De Pudovkin tivemos ocasião de assistir, há alguns anos, aliás em péssima cópia, "General Suvorof", que sem alcançar a altura de "A Mãe" ou "Tempestade sobre a Ásia", dava bem a medida da capacidade deste diretor ora desaparecido.

S. M.

NOTAS ESPARSAS

Lycio Neves

FUGA — Durante a leitura de FUGA (Edições Região, Recife — 1952) o livro de estreia do sr. Souza Leão Neto, encontrei nas suas páginas muita perplexidade num escritor inconsciente de que escreve para um público exigente e metódico. FUGA apresenta algumas falhas de principiante, motivadas pelo efeito da emoção e a ansia de aparecer como escritor com todo o destaque nas livrarias e nas mãos dos críticos de posição renomada. Mas, os deslizes do livro, são defeitos que ficam isentos de culpa. Podemos esperar do sr. Souza Leão Neto, cousas melhores. Ele tem um certo talento para memorialista. Imaginação para escrever com delicadeza um enredo à maneira graciliana. Antes, o autor de FUGA não consegue com facilidade dizer as mais simples palavras numa história resumida e bem movimentada sem enfadar o leitor com diálogos desnecessários. Inegavelmente, FUGA, não é um livro inútil. Afirma a pertinência de um jovem interiorano, perdido nos confins de Arcoverde, que soube vencer com o entusiasmo próprio da idade, publicando um livro que é "meio caminho andado" para outro livro de mais acervo e exatidão.

xxx

ROTEIRO DO CARIRI E SÃO JOÃO DO NORDESTE — Duas brochuras do poeta Mauro Mota falando em poesia. A poesia ambiente dos gestos e das palavras. O sentimento aparecendo na lembrança da

mocidade e a presença bem acentuada da infância na sua reportagem intensamente lírica.

xxx

OUTRA JORNADA — De Araújo Filho recebe o seu livro de versos, editado pela Imprensa Industrial do Recife. É a décima publicação do poeta. **OUTRA JORNADA** encerra uma poesia misturada de parnasismo e modernismo. É uma espécie de intercâmbio amistoso de Araújo Filho com os novos.

xxx

EL JOVEN RIO — O livro do poeta colombiano Jaime Canellas López, é uma exaltação à sua terra. É um cântico de amor e fraternidade. Uma poesia carregada de sentimentos bons, onde a infância transparece na saudade do poeta, com toda a simplicidade e ternura.

N. R. — Lycio Neves, **AUTORE DE "A BEM AMADA QUITERIA"**, publicará este ano o seu novo livro de poemas "O SACRISTÃO", através das Edições REGIÃO, Recife, com capa de Santa Rosa e ilustrações de Darcy Penteado.

ALGUMA GENTE

(Histórias, Salim Miguel, Edições Sul, Fpolis, 1953)

O acervo literário brasileiro escrito nos últimos anos, sob o bafejo das novas tendências estéticas, apresenta-se em três grupos mais ou menos distintos. Um, muito pequeno, resumindo obras consagradas que, por um determinismo indesviável, estão destinadas a fixar, para o futuro, esta fase da nossa literatura; Outro, ao contrário, muito grande, imenso, com tendências elásticas, formando um amontoado de papel que muito pouco ou nenhum valor tem; bem ao contrário, a enxurrada é tão grande que até prejudica o movimento editorial, desorienta os leitores já em número tão pequeno e cansa a crítica mais paciente. Um terceiro grupo, não muito grande, mas vigoroso, sem classificar-se naqueles pontos extremos, tem representantes em todas as cidades brasileiras, onde se cuida de Arte. Seus escritos aparecem em revistas literárias, geralmente de existência um tanto precária, ou em páginas e suplementos especiais nos jornais pro-

vincianos. São uma prosa e uma poesia de pesquisa e pouco há de definitivo. Muita coisa tem surgido, entretanto, que promete um novo rumo na literatura brasileira.

Entre esses moços cujo futuro nas letras poderá oferecer as mais alvissareiras surpresas, está o nosso companheiro de 'SUL', Salim Miguel, que vem fazendo da prosa de ficção o seu 'métier'. Ainda há pouco, lançou o seu último livro de contos **Alguma Gente**. São sete histórias que nos pareceram fruto de reminiscências um tanto confusas. O A quis dar-lhes forma, tentando fixar tipos que o impressionaram. Talvez a reação do leitor nem sempre seja satisfatória, e os tipos lhe pareçam demasiadamente comuns, sem interesse particularmente novo. Mas, a verdade é que nem sempre estamos convivendo com gente diferente, gente excepcional. O homem comum é o que nos cerca, o que convive conosco. É dos tipos e dos fatos que o cercaram que S. M. nos fala.

S. M. fez uns contos longos, talvez intencionalmente, na busca e rebusca de nova técnica, talvez porque a sintaxe não lhe seja qualidade intrínseca. De qualquer maneira, como acontece com o seu volume anterior **Velho e Outros Contos**, cada história e como se fosse um capítulo desgarrado de uma novela. Encontra-se arte, boa prosa, mas sempre há a impressão de tratar-se de um capítulo. O encontro com um cego provoca reminiscências relacionadas a um tipo que conheceu na infância ou na puberdade. Descreve-o e quando termina a tarefa de fixar o personagem, está pronta a história. É bem que, hoje em dia, não há limites absolutos para o critério de conto, mas um destes de S. M. continuam a nos parecer um capítulo de de que? Talvez de uma novela que se tivesse formado na mente do A. mas que não foi integralmente para o papel. Aliás S. M. nos promete para breve uma novela: **Rede**. Então poderemos ver as possibilidades do A. neste gênero. E se não nos enganamos, ali o teremos, com toda a pujança do seu estilo já trabalhado e possivelmente com um lirismo mais livre do que este que aparece nos contos de **Alguma Gente**. Falo desse otimismo que eu digo feito a medo e desse lirismo extravasado sob pres-

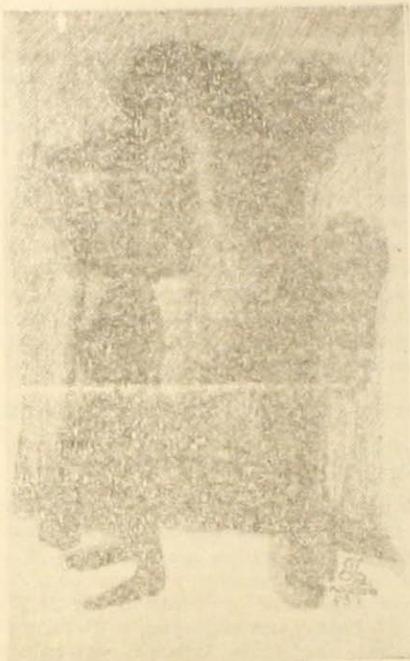
REGISTO

Augusto dos Santos Abranches

Toda a atitude crítica é um acto de julgamento, de julgo atendendo sempre a um progresso espiritual e humano. Quer sob o ponto de vista lógico ou psicológico, quer sob condução sociológica como racionalista, toda atitude crítica implica uma operação relacionadora, uma conclusão. Ora, esta dá-se, precisamente formula-se do encontro de duas idéas: da que se pretende julgar em confronto, ou tomando como medida de julgamento, com a que toma como referência para essa proposição de julgo crítico. Indubitavelmente, no pensar de uma em relação a outra é que essa atitude pode diferenciar-se doutro acto de julgamento. Diferenciar-se seguindo, por conseguinte um modo de percepção em que o fundo e a forma se exercem dentro de critérios particulares, no ponto de confronto que se opor ao que se pretender ajuizar. E segundo o carácter analítico, o atributo de todo aquele que tenta esse acto de julgamento. Como, assim, esperar uma igualdade de julgo crítico, uma unidade de atitude de julgamento, uma conduta paralela de conclusões de valor? Como pretender a mesma lógica processual de analogia e dedução — se as relativas tendências ideais de cada um, os seus postulados interindividuais ou sociais julgam e agem de modo diferente?

— Tanto como acto de criação como de valor de espectáculo, o teatro em Portugal é das formas de expressão em arte de menor valia. De mais se tem falado e de menos se tem estudado Gil Vicente. Armando Martins conseguiu por esse problema a nã no seu estudo O TEATRO MODERNO, muito embora nele fique de fora a experiência do Teatro dos Estudantes de Coimbra e dos chamados Teatro de Escola, este revelando-nos pequeninas-grandes obras como a de Francisco-Luiz Ribeiro, por exemplo. E conseguiu pô-lo dentro das linhas gerais do problema, que faz do seu trabalho uma obra indispensável onde o autor, o acto e público se enquadram nas suas devidas proporções.

— Com um prefácio do Dr. Júlio Dantas, o médico Ledislau Patrício publicou a sua tentativa de teatro (História dramática de um caso de tuberculose, com epílogo num sanatório, como ele informa) que intitula 'A DOENTE DO QUAR-



Composição de Augusto dos Santos Abranches.

ção, como se o A. lutasse contra um certo pudor e que aparecem quando o A. escreve coisas a respeito '... do que ainda possa existir de infantil, de puro e intocado em minha natureza de adulto atoiado neste nosso mundo cheio de má fé e incompreensão, deste nosso mundo tão falto de lirismo, de sã alegria e solidariedade. Deste nosso mundo tão necessitado de uma geração total, completa, semelhante a meu tio João.'

Allás, são essas confidências, essas misturas da ficção com o verídico, esta técnica de certo modo nova de contar, que recomendam a obra de S. M. aos que buscam algo novo em nossa literatura contemporânea. E essas coisas formam um todo complexo que é digno de estudo.

O. F. M. F.

TO 23... Sofrendo do defeito apontado para a generalidade do nosso teatro depois de Garrett no ensaio de Armando Martins, o vício literário, agrava-o ainda o factor idealista a que se apegam, deixando-nos gorados perante a falha de elementos económicos sociais que pretendesmos encontrar, ou deduzir para a compreensão deste problema — que não é n.m. nunca foi apenas um problema médico e ético.

— GODIDO é um livro póstumo de João Dias, cujo desenho e arranjo da capa é também de outro moço prematuramente falecido, o jovem pintor António Aires. Preparativo de um possível romance e contos, acompanhados de notas bibliográficas dos dois moçambicanos, este livro possui a característica de nos oferecer um depoimento único, amargo e dorido, que de modo algum se pode menosprezar pelo tom de sinceridade e pelos problemas das relações afro-europeias que pela primeira vez atentam na nossa literatura de ficção. Além de, vigorosamente, ser um pronúncio duma literatura negra dos povos do ultramar português.

— Fouco, ou quase nada nos dá para a compreensão do homem e do artista, estas CONFISCOES DUM POETA que Paul Verlainne escreveu. Cuidada, como sempre, a tradução de Cabral do Nascimento, que também assina a introdução e as notas que acompanham o texto. Além do retrato do autor em vinheta na capa, Costa Júnior desenhou outro, colocado entre o ante-rostro e o rosto de livro.

— Manuel Breda Simões está dirigindo e editando em Coimbra os cadernos de poesia e crítica SISEFO, de que saiu o fascículo 4, tendo na capa um desenho de Mário Soares. Dedicado a Sebastião da Gama, de que inclui uma carta inédita e dois poemas, publica ainda uma nota sobre este poeta tão novo falecido, poemas de Maria da Encarnação Baptista, Carlos Wallstein, Pura Vazques, António Manuel Couto Viana, Manuel Pinillos, Adriano Lourenço de Faria, José Bento e notas bibliográficas de livros e revistas.

— Com a mesma facilidade e superficialidade com que escreveu os seus romances e tentou fazer teatro, Joaquim Paços d'Arcos publicou os seus POEMAS

INCOMPLETOS. Os poemas valem como prova de quanto o autor é viajado, devido às localidades donde são datados.

— O conto brasileiro está, na verdade, crando dentro da literatura brasileira uma característica representativa que se vai cada vez mais libertando dos elementos culturais europeus, sob cujo signo se foi elaborando até penetrar no meio-ambiente a que pertence. SILENCIO DAS HORAS, que Aluzio Furtado de Mendonça escreveu, embora dada a sua indução psicológica, revela uma presença dentro dessa evolução, uma peresença que, não sendo ainda dominante nem completa, mesmo assim vale como uma afirmação valiosa, expressiva.

NOTÍCIAS DO RIO GRANDE DO NORTE

Um Suplemento Literário

O poeta António Pinto de Medeiros, autor de 'O rio do vento', livro bastante elogiado pela crítica nacional que já lhe enalteceu os méritos poéticos com 'Um poeta atos', está publicando em 'O Diário de Natal', um suplemento literário dominical. Criterioso, honesto, exigente na escolha da matéria a ser publicada em seu suplemento, o poeta António Pinto tem oferecido aos leitores do Rio Grande do Norte o que de melhor se publica ou noticia no Brasil e no estrangeiro em assuntos literários, sendo, inclusive, de sua autoria a publicação de vários capítulos de Barrabás diretamente do francês. Edições outras dedicadas a G. Ramos e Rabelais foram também muito bem recebidas dentro e fora do Estado. O nosso abraço de apóio e incentivo ao conhecido poeta do Rio Grande do Norte.

Cessou suas atividades a Revista de Letras

Com a nomeação de seu secretário, Aluzio Furtado de Mendonça, para Areia Branca e a posterior transferência de Geraldo Carvalho para a Paraíba, cessou assim as suas atividades literárias a 'Revista de Letras', órgão dos 'novos' do Rio Grande do Norte. Geraldo Carvalho, diretor da revista recentemente desaparecida, já iniciou suas novas atividades na capital paraibana, aonde espera encontrar o apóio e a compreensão dos "novos" dali.

Ainda na Hipocampo "Rosa de Pedra"

"Rosa de Pedra", livro de estréla de Líla Mamede — poesia — continua sendo ansiosamente aguardado pelos seus leitores e amigos, muito embora a "Hipocampo" insista em prendê-lo nas suas "redes". "Rosa de Pedra" reunirá o que de melhor escreveu a poetiza, inclusive "Mar Morto", tido pelo poeta António Pinto de Medeiros como uma das suas mais belas produções. Esse como outros trabalhos que aparecem no livro foram ainda publicados com grande destaque em "O Diário de Pernambuco" e "Diário de Natal", suplementos em que a jovem escritora goza de real estima.

Subúrbio do Silêncio

Acontecimento marcante na vida literária da cidade, dentro dos próximos dias, será o lançamento pela Imprensa Oficial do livro de estréla de Newton Navarro — "O Subúrbio do Silêncio" — poesia.

"O Soldado de Ronda"

Algumas semanas depois, ainda pela Imprensa Oficial, será entregue às Livrarias o segundo livro de Aluísio Furtado de Mendonça, "O Soldado de Ronda", contos. Este segundo livro do autor de "Silêncio das Horas", enfeixa várias de suas últimas produções, trazendo ilustrações e capa de Dorian Gray. Aluísio F. de Mendonça, representante de "SUL" no Rio Grande do Norte, também já é conhecido dos leitores, pois no número anterior, 19, foi publicado o conto "O Soldado de Ronda", que dará título ao volume a aparecer.

(Do Correspondente)

A LAMPADA E OS APÓSTOLOS

Erasmio B. Villela

O êrro de muita gente consiste em fazer do estudo da poesia "uma atividade marginal do ser, recreação ou fuga", collocando-a numa posição de passatempo ou considerando-a produto de algum ocioso, com tempo disponível para a inatividade, quando sabemos, perfeitamente,

que ela é "espírito de toda obra de arte", como diz Jacques Maritain e com sua fascinação e mágica beleza é um estado de espírito que todos os estudiosos a sentem. No livro de Artur Eduardo Benevides — A Lâmpada e os apóstolos — encontramos aquella característica que deve nortear sempre os autênticos poetas e não simples fazedores de versos, que é, inubíavelmente, amar à poesia, sentindo-a desde os recônditos da alma ao contacto da pena nas belas produções que doou à literatura brasileira. O autor nos conduz, podemos dizer, a uma atmosfera de fascinação pelo sentimento do belo, através da poesia, vida interior da obra de arte. Benevides é baste conhecido no meio literário brasileiro. Já nos deu "Navio da Noite", e "Os Hóspedes" e "A valsa e a fonte", de quem uma grande autoridade em assuntos literários em nossa terra considerou-a "a mensagem de quem viu a vida sob um prisma fora do comum dos homens" e de quem o poeta Lycio Neves viu "a extraordinária maneira de cantar o que é realmente belo". N' A Lâmpada e os apóstolos, o autor, após examinar com maestria o fenómeno poético faz observações sobre Augusto Frederico Schmidt e outros, além de apresentar várias conferências pronunciadas em diversas sociedades artísticas e literárias do Ceará, demonstrando, cabalmente, o seu amor à poesia, sentindo-a e considerando-a "essência da própria vida" amando orgulhando dela, porém com "um orgulho sadio que é o da satisfação moral da realização".

A poesia é "a luz interior da obra de arte, dando-lhe uma expressão rara e definitiva, que os olhos sentem e os ouvidos percebem, sem saber, muita vez, penetrar o seu mistério, mas aceitando-o com o mesmo sorriso de um menino cego a quem narrassem as belezas do mar, do céu e das montanhas".

ALVES REDOL

Alves Redol é considerado um dos grandes romancistas portugueses de hoje. Nasceu em Vila Franca de Xira, em 1911. Alves Redol concluiu 1926 o curso comercial e, em 1927, partiu para Angola (África Ocidental portuguesa). Em Angola se demorou até 1930; foi funcionário públi-

co e depois vendedor de pneus numa grande empresa colonial. Em Angola conheceu também, o desemprego. Quando regressou a Portugal (em 1930), durante dois anos, primeiro por doença e depois por dificuldades de encontrar trabalho, conservou-se inactivo.

Empregado de escritório, trabalhando os seus livros nos intervalos das suas tarefas profissionais, nos trajectos de comboio, nas horas roubadas a um repouso que a sua doença tornava indispensável, Redol publica em 1938 o seu primeiro livro GLÓRIA, UMA ALDEIA DO RIBATEJO. A carreira do escritor iniciou-se com este ensaio etnográfico. Só um ano mais tarde se estreia como romancista com GAIBEUS (5 edições). A crítica recebeu GAIBEUS com grande entusiasmo e apreciações muito elogiosas.

Com GAIBEUS iniciou-se o movimento neo-realista que veio agitar o marasmo em que caíra a literatura portuguesa. Em 1944, Redol publicou um novo romance: MARES (3 edições). Em 1942 AVIEIROS (4 edições), em 1943, FANGA (3 edições), traduções publicadas em russo, checoslovaco e búlgaro. Em 1945, ANÚNCIO (2 edições). Em 1946, PORTO MANSO (2 edições), tradução em checoslovaco.

Tendo visitado a França após a libertação, Alves Redol publicou um grande documentário intitulado FRANÇA: DA RESISTÊNCIA À RENASCENÇA (obra concluída em 1948). Ainda em 1948, Redol que já ensaiara o teatro com uma peça em 1 acto, publicada na Revista Vértice e representada em Lisboa, no Teatro Essencialista, em 1946, publicou a tragédia FORJA.

Com HORIZONTE CERRADO, 1949 (2 edições), o romancista encetou uma série de três romances com o título geral de Ciclo Port-Wine. É a tragédia dos agricultores da região do Douro, onde se produz o vinho do Porto. O vinho tem fama internacional, impõe-se nos mercados do mundo, figura, em boa posição, na lista das exportações portuguesas, mas só a gente do Douro sabe as canceiras que cada gota de vinho do Porto custa, só a gente do Douro sabe os sacrifícios que foram necessários para criar as cepas preciosas nos chistos abruptos do vale do Alto Douro. Nas terras conquistadas às fragas das montanhas, ao preço de he-

roísmos e tragédias sem conto, os homens do Douro português, criam, num milagre de sacrifício e persistência, um vinho que se impõe no mercado mundial. Port-Wine — o vinho dos ingleses e dos 'bars' de todo o mundo, é para o paladar delicado dos apreciadores um verdadeiro 'sol engarrafado'. Em Horizonte Cerrado o escritor, fiel ao espírito das suas obras anteriores, mostra as lutas e os trabalhos dos homens do Douro. Esse é o fundo onde se recorta o conflito do romance a que a Academia das Ciências de Lisboa atribui o 'Prémio Ricardo Malheiros', coroando um belo sucesso e a obra de um escritor que já conquistou o seu lugar nas letras portuguesas contemporâneas. Em OS HOMENS E AS SOMBRAS, segundo volume do Ciclo Port-Wine, Alves Redol continua a história dramática e emocionante dos homens que nos chistos abruptos do Douro criam para o mundo — um 'sol engarrafado'.

Alves Redol acaba de publicar o terceiro e último volume do Ciclo Port-Wine: VINDIMA DE SANGUE, romance que ficará a assinalar um grande momento da sua carreira de escritor.

Alves Redol que tem pronto, desde 1944, o romance OS REI-NEGROS, publicou em 1950, o volume CANCIONEIRO DO RIBATEJO que é a mais completa recolha da poesia popular da região onde o escritor nasceu.

LIMA BARRETO

Moisés Gicovate

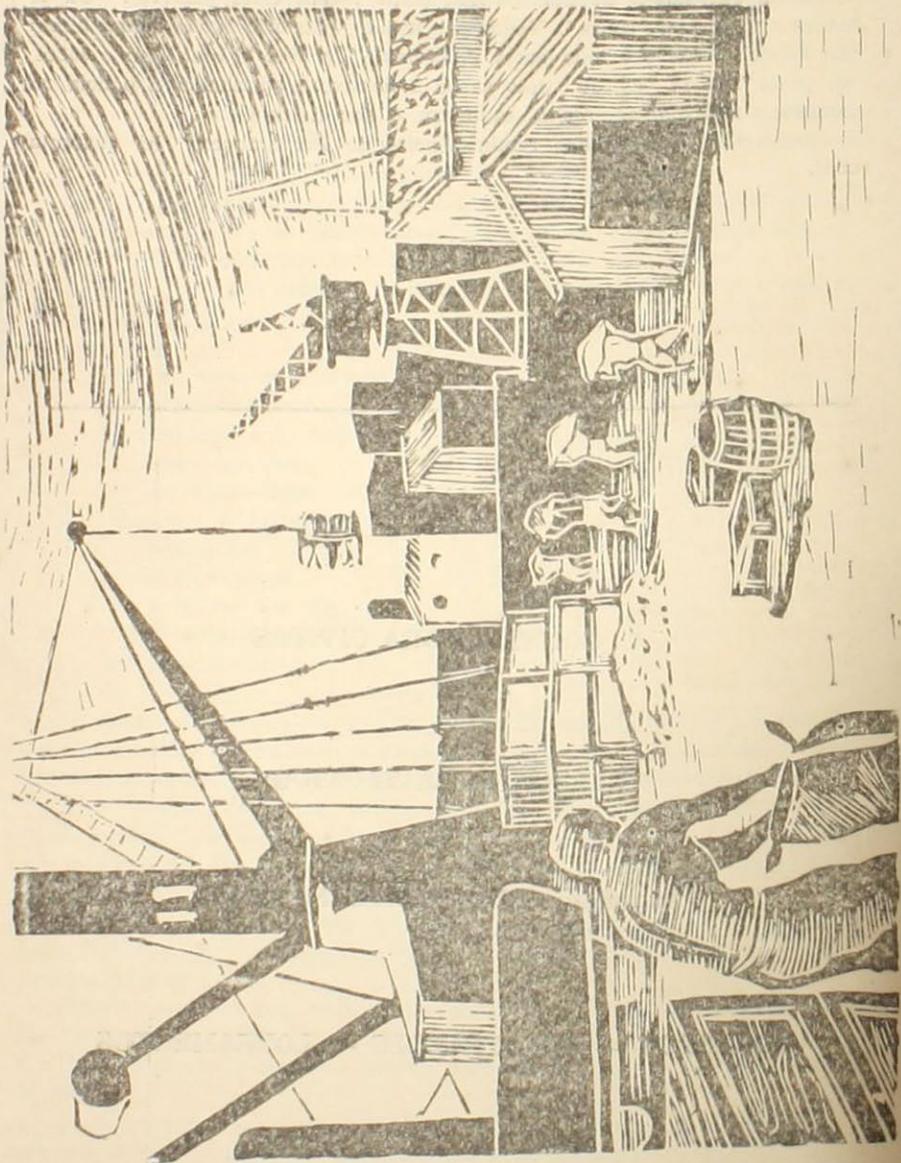
Grandes Vultos das Letras n. 10

70 páginas — Ilustrado

Edições Melhoramentos

Surge o volume programado como sendo o do número dez da série "Grandes Vultos das Letras", pelas Edições Melhoramentos.

Assina-o senhor Moisés Gicovate, conhecido educador e literato que nos apresenta numa breve introdução e em apresenta numa breve introdução e em doze capítulos a vida, os trabalhos, as mágoas e a obra valiosa de Lima Barreto. Seguem-se breves dados cronológicos e uma bem escolhida antologia que permitem ao leitor um levantamento esquemático das qualidades, dos recur-



Porto de Santos — Linoleogravura de Itajahy Martins (Ver nota à pág. 54).

Revue de la Politique Mondiale — Ano IV — ns. 4 a 13 — fev. a julho de 1953 — Belgrado — Iugoslávia.

Jandáia — o jornal literário do Paraná — Ano II — ns. 4 e 5 — fev. e março de 53 — Curitiba — Paraná.

O Cooperador — Periódico de difusão cultural e cooperativista — Ano IV — ns. 4 e 596 — abril e junho de 53 — Rio de Janeiro.

Boletim Bibliográfico Brasileiro — Vol. 1 — ns. 1 a 3 — nov. de 52 a junho de 53 — Rio de Janeiro.

O Quinze — órgão do Grêmio XV de dezembro da Esc. de Oficiais da F. P. E. S. P. — C. F. A. — Barro Branco — Ano I — ns. 1 — março de 53 — São Paulo.

Caçara — mensário de letras e artes — Ano II — ns. 20 e 21 — abril e maio de 53 — Marília — São Paulo.

Cultura — Ano I — n. 1 — dezembro de 52 — São Paulo — S. P.

A Defesa — jornal de orientação católica — Ano XX — ns. 680 e 681 — março de 53 — Caruarú — Pernambuco.

The Hudson Review — Vol. VI — ns. 1 e 2 — primavera e verão de 53 — New York — USA.

Marches de France — Courrier Littéraire d'Outre-mer — Revue Mensuelle Internationale affiliée a la F. N. P. C. — Ano VIII — n. 16 — fev. de 53 — Alost — Bélgica.

Ariel — Cuaderno bimestral de Literatura y Artes Plásticas — 3ª. época — ns. 22 e 23 — março a junho de 53 — Guadalajara — Jalisco — México.

Arte — Publicação bimestral da Assoc. Bras. de Desenho — Vol. III — n. 2 — abril de 53 — Rio — DF.

Boletim de Música y Artes Visuales — Departamento de Assuntos Culturais — União Panamericana — ns. 35 a 37 — jan. a março de 53 — Washington D. C. — USA.

Ressurge, Gôa! — Órgão nacionalista independente do povo goês — Quinzenário editado em português, konkani e inglês — Ano III — ns. 61 a 65 — março a maio de 53 — Bombaim — Índia.

Itinerário — publicação mensal de letras, arte, ciência e crítica — Ano XII — ns. 128 a 130 — março a maio de 53 — Lourenço Marques — Moçambique — África Ocidental Portuguesa.

Arte Madi Universal n. 6 — publicação de arte essencialista — órgão do movi-

mentó madimensional — outubro de 52 — Buenos Aires — Argentina.

Boletim da Cidade e do Porto do Recife — ns. 35y42 — jan./dez. — 1950/51 — Diretoria de Documentação e Cultura da Pref. Mun. do Recife — Recife — Pernambuco.

Noticiário Vera Cruz — Cia. Cinematográfica Vera Cruz — ns. 70, 82, 95, 102, 103, 109, 110, 112 e 113 — maio a agosto de 1953 — São Paulo.

Novo Mundo — Órgão da Assoc. de Intercâmbio Cultural — Ano VIII — n. 94 — fevereiro de 53 — Guiratinga — Mato Grosso.

Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura — Revista trimestral — n. 2 — junho/agosto de 53 — Paris — França.

P. E. N. Clube do Brasil — Boletim — Ano XVI — n. 20 — março de 52 — Rio de Janeiro.

Caderno do Norte — Suplemento Mensal do "O Norte" — Ano I — n. 1 — maio de 53 — João Pessoa — Paraíba.

E. N. B. A. Boletim — Boletim da Escola Nacional de Belas Artes — Ano I — ns. 2, 3 e 5 (julho, agosto e outubro de 52) e Ano II — n. 1 — jan./fev./março de 53 — Rio de Janeiro.

Peceptismo (teórico e polémico) — a vanguardia del arte concreto — n. 7 — julho de 53 — Buenos Aires — Argentina.

Estudos — Revista de Filosofia e Cultura da Assoc. de Professores Católicos do Rio Grande do Sul — Ano XIII — n. 2 — fasc. 48 — abril a junho de 53 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

LIVROS:

TERRA QUENTE — romance de Alexandre Cabral. Com uma estampa de Manuel Ribeiro de Pavia — Lisboa — Portugal — 1953

DISTANCIA — poesia de Glória de Sant' Ana — edição da autora — Nampula Moçambique — 1951.

POEMAS DE HOJE — de Augusto dos Santos Abranches — Edição Portugal — Coimbra, 1942 — capa do autor.

TUFÃO — poemas de Augusto dos Santos Abranches — Edição Portugal — Coimbra, 1943.

AS VARIAS FACES — teatro de Augusto dos Santos Abranches — Edição Portugal — Coimbra, 1943.

LES REALISATIONS de la Republique Populaire de Chine au cours des trois dernieres annes — Pouo Yi-Pouo — Editions en Langues Etrangères — Pekin, 1952 — China.

GUIDE DE LA CHINE NOUVELLE — Edition en langue étrangère — Pekin, 1952 — China.

JEUNESSE DE LA CHINE NOUVELLE — Editions en langues étrangères — Pekin, 1951 — China.

TRENTE ANS DU PARTI COMMUNISTE CHINOIS — Par Hou K'iao-Mou Editions en langues étrangères — Pekin, 1952 — China.

HOW THE TILLERS WIN BACK THEIR LAND — Hsiao Chien — Illustrated with 11 drawings by Chiang Chao-Ho and 22 photographs — Foreign Languages Press — Peking, 1951 — China.

THE MOVING FORCE — Tsao Ming — Cultural Press — Peking, 1950 — China.

KOJE UNSCREENED — By Wilfred Burchett and Alan Winnington — Published by the authors — Peking, 1953 — China.

NEW CHINA — Published by the foreign languages press — Peking, 1952.

SELECTED WOODCUTS OF NEW CHINA — série de 12 gravuras de gravuristas da nova China.

O CONDE DE MONTE CRISTO — Romance de Alexandre Dumas, numa adaptação para a juventude — Edições Melhoramentos — São Paulo, 1953

LIMA BARRETO — Uma vida atormentada — por Moisés Gicovate — Edições Melhoramentos (Série 'Grandes Vultos das Letras', n. 10) — São Paulo.

A PROPÓSITO DE REALISMO E FORMALISMO EM ARTE E LITERATURA — (uma polémica) — E. Carrera Guerra — Edições 'Temário', Rio, 1953

ASAS E RAIZES — romance de Judite Rocha Lima — Porto — Portugal.

ALEXANDRE DE GUSMÃO E O TRATADO DE 1750 — Miguel Paranhos de Rio Branco — Os cadernos de cultura — Serviço de Documentação — Ministério de Educação e Saúde — Rio, 1953

UMA ESTAÇÃO NO INFERNO — Rimbaud — tradução de Xavier Placer — Os cadernos de cultura — Serviço de Documentação — Ministério de Educação e Saúde — Rio, 1952.

LUGAR DE BOCAGE na nossa poesia de amor — Conferência de Sebastião da Gama — Lisboa, 1953 — Portugal

ALGUMA GENTE — histórias — Salim Miguel — Edições 'SUL' — III — Florianópolis, 1953.

A LITERATURA PORTUGUESA E MYRIAM COELHE ARAUJO — Ensalo — Raimundo Magalhães AYRES. Abril 1853 — Guiratinga — Mato-Grosso.

Vindima de Sangue — romance — Ciclo Port-Wine — 30 volume — Alves Redol — Lisboa — Portugal.

A Outra Face do Tempo — poesias — Dirceu Quintanilha — Irmãos Pongetti — editores — Rio — 1953.

Os Problemas do Cinema de Curta Metragem — estudo — Marcos Margullés — Separata da Revista Anhembi — Vol. X — Ano III — ns. 28 e 29 — março-abril de 1953 — São Paulo.

Golsé-se — Kocice — poemas madri — (1942-1952) — Ediciones Madimensor — Buenos Aires — Argentina — 1952.

Fábrica de Tâmaras — poemas — Lólio L. de Oliveira — São Paulo — 1953.

Poemas e Elegias — José Escobar Faria — Livraria Martins Editora — São Paulo — 1953.

Versos — J. M. Fontes — Edição da Escola Industrial de Aracajú — Aracajú — Sergipe — 1953.

Terra do Fogo — impressões de viagem à região do Polo Sul — Cláudio de Souza — edição do P. E. N. Clube do Brasil — 3ª. edição — Rio de Janeiro — 1939.

A Luta das Gerações — romance — Cláudio de Souza — edição do P. E. N. Clube do Brasil — Rio de Janeiro.

Florianópolis — contribuição do Departamento Regional do Senac em Santa Catarina à II Semana de Orientação Técnico-Pedagógica do Ensino Comercial — Florianópolis — Santa Catarina — 1953.

Ulisses — entre o amor e a morte — O. G. Régo de Carvalho — Edição do caderno de letras "Meridiano" — Terezina — 1953.

Panorama do Simbolismo Brasileiro — Andrade Muricy — Rio, 1953.

A Escrava Isaura — Bernardo Guimarães — Cia. Melhoramentos — S. P. 1953.

Bela Bartok — Três apontamentos sobre a sua personalidade e a sua obra — Fernando Lopes Graça — Gazeta Musical — Lisboa — 1953.



Composição de O. Goeldi

A INAUGURAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA "MURILO BRAGA"

EMPREENDIMENTO QUE O SESC OFERECE AOS FILHOS DOS COMERCIÁRIOS PARA QUE USUFRUAM BENEFÍCIOS DE UM SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE — O ATO CONTOU COM A PRESTIGIOSA PRESENÇA DE AUTORIDADES E POVO — IMPRESSÕES DEIXADAS POR TÉCNICOS DE EDUCAÇÃO.

Constituiu, sem favor, nota destacada, nas atividades do Serviço Social do Comércio, no corrente ano, a inauguração oficial do Jardim de Infância "Murilo Braga", à rua Almirante Alvim, 20, nesta Capital, à tarde de sábado último, conforme os jornais já tornaram público.



Dom Joaquim Domingues de Oliveira no ato inaugural

O ato, que se revestiu de brilhantismo, foi prestigiado com a honrosa presença de altas autoridades, industriais, comerciantes, exmas. famílias, jornalistas e povo. Destacamos, entre os presentes, os srs. Major Mário Fernandes Guedes, que representou o sr. Governador Irineu Bornhausen, Dr. Pedro Leão Veloso, representante do dr. Brasílio Machado Neto, Presidente da Confederação Nacional do Comércio e dos Conselhos Regionais do SESC, dr. Edgar Amorim, representante do dr. Manoel Francisco Lopes Meirelles, Presidente do SESC Nacional, D. Celina Nina, da Divisão de Proteção Social do Departamento Nacional da Criança, Jovem Murilo Braga Filho que aqui veio representando a família Murilo Braga, D. Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano, Des. Arno Pedro Hoeschl, pelo Tribunal de Justiça, CT Augusto Calvet, pelo Vº Distrito Naval, Prof. Theodosio Wanderley, pelo Departamento de Educação, Des. Flávio Tavares, do Tribunal R. Eleitoral, srs. Charles Edgar Moritz,

Presidente da Federação do Comércio deste Estado, Prof. Flávio Ferrari, Diretor Geral do SESC e SENAC, Prof. Luiz Trindade, Diretor do Jardim de Infância "Murilo Braga", Srs. Carlos Allend, Frei Otto, Martinho Cardoso da Veiga, Manoel Santos, estes representando a Associação Comercial de Blumenau, Ten. Paulo Cardoso, pelo Comando da Polícia Militar, sr. Ivo Gandolfi, Presidente da Federação dos Empregados no Comércio, Manoel Donato da Luz, Presidente do Sindicato do Comércio Varejista, sr. Ivo Montenegro, Gerente do Banco Indústria e Comércio Paraná-Santa Catarina, Pe. Nunes, Diretor do Colégio Catarinense, sr. Severo Simões, membro da Diretoria da Associação Comercial de Fpolis., e muitas outras pessoas.



O jovem Murilo Braga Filho proferindo o seu discurso

A INAUGURAÇÃO

A inauguração do Jardim de Infância, — cujos móveis e "play-ground" foram desenhados e construídos por COCIMA, sob a orientação do Engenheiro Cláudio Valente Ferreira, impressionaram favoravelmente, — se verificou com o solene hasteamento, ao som do Hino Nacional, pela banda de música do Abrigo de Menores, do Pavilhão Brasileiro, ato que coube ao representante do sr. Governador do Estado. A seguir, falaram os srs. Charles Edgar Moritz, Presidente do Conselho Regional do SESC e SENAC, Dr. Pedro Leão Velloso que leu a mensagem do dr. Brasílio Machado Neto, sr. Vitório Cheteto, Presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio, que agradeceu a instalação do Jardim de Infância em nome dos comerciantes, e, finalmente, o Jovem Murilo Braga Filho que, em nome de sua família, apresentou agradecimentos à homenagem postuma a seu pai, cujo discurso publicamos linhas abaixo.

Seguiram outros atos: benzimento, pelo sr. Arcebispo Metropolitano, D. Joaquim Domingues de Oliveira, da Imagem N. S. de Fátima,

localizada na gruta do Jardim; entronização de imagens nas salas de aula, momento em que as autoridades percorreram todo o edifício e, finalizando, coquetel às autoridades, com distribuição de doces e guaranás aos alunos.

PALAVRAS DO JOVEM MURILO BRAGA

Sob visível emoção, o Jovem Murilo Braga Filho, vindo especialmente para participar dessa solenidade de inauguração do Jardim de Infância, que se tornou realidade, agradeceu a homenagem postuma a seu pai, o dr. Murilo Braga, com as seguintes palavras:

"Srs. Presidente e Diretor Geral do SESC e SENAC em Santa Catarina.

Demais autoridades.



Filhos dos comerciários num sugestivo flagrante

Quero agradecer, de todo coração, as homenagens que, com esta solenidade, prestam à memória de meu saudoso pai.

Se me entristeço por não tê-lo junto a mim, por outro lado, sinto-me reconfortado por saber que o seu nome não foi esquecido.

Que a obra do SESC e do SENAC, à qual deu êle muito do seu entusiasmo e da sua mocidade, prossiga colhendo os melhores frutos, compreendido o seu alto alcance social por comerciantes e comerciários, são os votos meus e de minha família, que nesta oportunidade se mostra enternecida por provas de simpatia, atenção e apreço como a que agora presencio.

Aos Drs. Moritz e Ferrari, o meu abraço comovido e sincero"

Ajude o movimento editorial "SUL" que tem procurado divulgar novos autores, adquirindo os seguintes volumes já lançados:

Edições "SUL"

- I — Velhice e outros contos — de Salim Miguel
- II — A Ponte (prosa e verso) — de Antônio Paladino
- III — Alguma Gente — histórias — de Salim Miguel

Cadernos "SUL"

- I — Idade 21 — poemas de Walmor Cardoso da Silva
- II — Manhã — poemas de Eglê Malheiros

Dentro de breve, nas Edições "SUL":

IV — Contistas Novos de Santa Catarina, edição ilustrada por artistas plásticos catarinenses

V — Piá — contos de Guido Wilmar Sassi

Nos Cadernos "SUL"

III — Terra Fraca — poemas de Anibal Nunes Pires

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA E CONTABILIDADE

Drs. Zany Gonzaga, Fulvio Luiz Vieira e Nilton José Cherem

ADVOGADOS

Armando Silvio Carreirão

CONTADOR

Causas cíveis, criminais, comerciais e trabalhistas.

Escritório: Rua Jerônimo Coelho, 16 — Fpolis.



COCIMA

Construções, Comércio e Indústria de Madeiras

Construções, projetos loteamentos, etc.

Madeiras brutas e beneficiadas

Fábrica de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge — Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

CURSO BOSCO

(Registrado no Departamento de Educação)

Com equipe de professores especializados.

Artigo 91

Aulas Noturnas

Informações e Matrícula na LIVRARIA LIDER (ex Livraria Rosa) à R. Tte. Silveira, 35 (Edifício Parthenon)

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. Vidal Ramos, 73

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

.....
A R T E C A

LUIZ EDUARDO SANTOS
A R Q U I T E T O

Projetos — Construções — Loteamentos — Decorações

Rua Visconde de Ouro Preto, 81
FLORIANÓPOLIS

.....
DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório : Rua João Pinto 16, sob.
Residência : Rua Alves de Brito, 20
FLORIANÓPOLIS

.....
CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência : Consultório :
R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16
Fone M. 732 Das 3 às 5 horas
FLORIANÓPOLIS

DR. GUERREIRO DA FONSECA

OLHOS — OUVIDOS — NARIZ e GARGANTA
Especialista efetivo do Hospital -- Tratamento e operações.
— Receita para uso de óculos — Raio X — Radiografia
da cabeça.

Consultório: Visconde de Ouro Preto n. 2
(altos da Casa Belo Horizonte)

Residência: Felipe Schmidt n. 101. — Telefone n. 1.560.

Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas)
consultório

.....

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia
Rua Felipe Schmidt, 3 Florianópolis

.....

LIVRARIA MODERNA DE PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,

livros didáticos, papelaria e artigos de

escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt,

Florianópolis

Hamilton Valente Ferreira
Francisco Pedro Garcia
Brian Dutt Ross
— ADVOGADOS —
Praia do Flamengo, 122 — Apto. 607
Rio de Janeiro

CASA YOLANDA

Matriz
Trajano, 2

Filial
Felipe Schmidt, 2

Florianópolis — Santa Catarina

**COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"**

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —
quadradinhos — resserrados aparelhados — fôrro
paulista — Aplainados.

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente
Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"
Monteiro Lobato

L I V R A R I A L I D E R
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

S U M A R I O

"SUL" — 20	Redação
Literatura hispano — americana	S. M.
Motivo e circunstâncias da poesia	Augusto dos Santos Abranches
Brevs notas sobre literatura Algarvia	Antônio Simões Júnior
Chaplin e a saga do homem	Ody Fraga
O Cangaceiro	Antônio da Silva Filho
Carta de Malo	Walmor Cardoso da Silva
Asas	Anibal Nunes Pires
Quando o vento brinca nas ruas	Eglé Malheiros
Ingenuidade	Antônio Paladino
Icaro	Lycio Neves
Constatação do Inefável	Maximus de Mello
Ninguém reparou	Luiz Gonzaga Rodrigues
Poema	Agostinho da Silva
Dia a dia	Noêmia de Souza
Ciudad	Blanca Terra Viera
Teodora	A. Boos Júnior
Negócio	J. P. Silveira de Souza
Descrença	Silveira da Penha
Pacífico	Wanlo José de Mattos
Nem a madrugada nos pertence	Geraldo Sobral
Terra Quente (trecho de novela)	Alexandre Cabral
Fatos da história popular do Recife (Valentes e Valentões)	Doralécio Soares
Notas e Comentários	G. R. C.; S. M.; Lycio Neves; O. F. M. F.; Augusto dos Santos Abranches; Correspondente; Erasmo B. Villela; redação.

REPORTAGEM:

A Inauguração do Jardim de Infância "Murilo Braga"

"Sul" encontra-se à venda:

NO RIO

Livraria José Olímpio
Rua do Ouvidor, 110
Livrós de Portugal
R. Gonçalves Dias
Livrós Franceses
Avenida Presidente Antônio Carlos, 53.

EM SÃO PAULO

Agência Bandeirante — Rua Timbiras, 607.
Agência Eclética — R. Líbero Badaró, 92.
Agência Siciliano, rua D. José de Barros, 323.

EM JOÃO PESSOA

Agência Distribuidora de Publicações, R. Duque de Caxias, 331.

NO RECIFE

Livraria Editora Nacional

EM PORTO ALEGRE

Livraria Miscelânea, Praça da Alfândega, 38.

EM BUENOS AIRES

Libreria General de Tomás Pardo S. R. L. — Maipu, 618.

EM PORTUGAL (Lisboa)

Sucursal do "Diário de Notícias" — Rossio, 11 — Pina, Livreiros — Praça de Londres, 5 A.

EM FLORIANÓPOLIS

Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt.

Livraria Lider — Rua Tenente Silveira, 35.

Preço Cr\$ 5,00
Em Portugal 7\$50